

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

VANESSA CRISTINA SOSSAI CAMILO

INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL:
percepções e ações na formação continuada dos educadores



ARARAQUARA – SP
2019

VANESSA CRISTINA SOSSAI CAMILO

INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: percepções e ações na formação continuada dos educadores

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista *campus* Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Prof.^a Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

Camilo, Vanessa Cristina Sossai

INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: percepções e ações na formação continuada dos educadores / Vanessa Cristina Sossai Camilo — 2019 112 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Marcia Cristina Argenti Perez

1. Gênero. 2. Formação docente. 3. Educação infantil. 4. Educação sexual. I. Título.

VANESSA CRISTINA SOSSAI CAMILO

INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: percepções e ações na formação continuada dos educadores

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista *campus* Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual (exemplar apresentado para exame de defesa).

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Prof.^a Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

Araraquara, SP, 25 de setembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
Universidade Estadual Paulista
Presidente e orientadora

Prof.^a Dra. Ione Arsenio da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Membro titular

Prof.^a Dra. Luci Regina Muzzeti
Universidade Estadual Paulista
Membro titular

Para Vitória, que mesmo na mais tenra idade divide comigo a esperança de um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me carregou no colo durante toda essa jornada de conhecimento, longe de casa, da minha filha e exposta a um mundo cheio de incertezas. A Ele sou grata por direcionar os caminhos através de escolhas assertivas e de forma positiva, mesmo nos momentos em que o desânimo se fazia presente, trazendo alento para a trajetória percorrida.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma maneira para que esse trabalho pudesse ser realizado, meus sinceros agradecimentos.

A meus pais, Milton e Cinara, obrigada por como sua filha experimentar tamanho carinho e orgulho que sentem por mim. Desculpem-me a ausência em vários momentos em família.

À minha sobrinha Natália, agradeço o auxílio nos pedidos de socorro nas correções de inglês e espanhol.

A Ricardo, os cuidados com a Vitória.

A minhas irmãs Samara e Tatiane, que aproveitaram a oportunidade para desdobrar mais amor por nossa pequena.

À minha irmã gêmea, em memória, pois juntas sonhamos com esse mestrado. O tempo não me permitiu dividir com ela tais angústias e alegrias ou tê-la me segurando pela mão, mas sei que sempre estará a meu lado dizendo para seguir em frente. Tenho certeza ainda de que se estivesse aqui Priscila brilharia transformando vidas.

A meus familiares, a compreensão na ausência durante esse momento muito importante para o meu crescimento.

À Prof.^a Dra. Marcia Cristina Argenti Perez, que acreditou em mim apesar das limitações, ajudou-me a enfrentar obstáculos e me reconstruir, com sua voz meiga e suave amparando e auxiliando esta construção de conhecimento. Deus abençoe você e sua família.

Ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, o direcionamento em toda a jornada e suas palavras de incentivo e ética em um dos momentos mais difíceis de minha vida.

Às Profs.^a Dras. Ione Arsenio da Silva e Luci Regina Muzzeti, que aceitaram com carinho fazer parte desse momento ímpar em meu aprendizado, trazendo suas contribuições.

Aos colegas de turma, com os quais intensamente vivi, com muita alegria e animação, os intervalos das aulas, as estadias, os passeios noturnos, o medo da prova de proficiência... unidos e torcendo sempre juntos para que todos obtivessem sucesso.

Às minhas colegas de dormitório, Maria Fernanda e Mônica, parceiras intensas nas longas noites de mestrandas em um quarto de hotel.

Às colegas Ariane, Andrea e Camila, para quem o sucesso em breve chegará, agradeço os momentos de escuta.

Ao incrível amigo Guilherme, que a vida me trouxe de presente de novo. Um dia ofereci conhecimento para sua formação e cada dia mais é ele quem me ensina com incentivo e escuta, mesmo diante das dúvidas mais simples, nesses dez anos de grande parceria. Muito obrigada por tudo.

À minha amiga Priscila Borba, que intensamente faz parte da minha vida e das minhas conquistas, agradeço a responsabilidade de ter me incentivado a fazer o mestrado.

À minha mais recente amiga Andréia Brandão, o auxílio no trabalho, deixando-o lindo, adequado à leitura.

Aos grandes mestres e doutores da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) sou grata por dividirem tanto conhecimento conosco, mostrando-nos a importância de olhar para a educação de forma diferenciada e envolvente.

Aos funcionários da secretaria da Unesp, a mediação de informações quanto às normas e aos regulamentos do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual.

Aos estudos e contribuições do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Infância (Gepife) da FCLAr-Unesp, do qual fizemos parte e que trouxe grande contribuição.

Agradeço ainda aos colegas de trabalho que vibraram comigo em minhas conquistas e construções. Os que se mantiveram em silêncio, ou pelo menos tentaram, saibam que para crescer basta sair da zona de conforto.

À Secretaria Municipal de Educação, onde o projeto foi aplicado, agradeço finalmente o apoio, o respeito, a confiança e a autorização para que esta pesquisa pudesse ser desenvolvida.

“Não vou deixar a porta entreaberta. Vou escancará-la ou fechá-la de vez. Porque pelos vãos, brechas e fendas... passam semiventos, meias verdades e muita insensatez.”

(Cecília Meireles)

RESUMO

A sexualidade se faz presente desde o nascimento direcionando-se até a velhice, fazendo parte da história de cada indivíduo, sendo influenciada e direcionada por questões históricas, sociais, culturais e do meio em que vivemos, no qual nos deparamos com mitos, tabus, preconceitos, posicionamentos religiosos e até governamentais. A criança em seu desenvolvimento constrói essas relações sociais pela linguagem e cultura, aprende com outras crianças e adultos e na escola se apropria dos costumes à sua volta, convivendo com separação de meninos e meninas, desdobrando-se para a vida, fazendo-se necessário um novo olhar que não limite os desejos para com a infância livre de preconceitos sexistas, sem estereótipos. Como objetivo geral, tencionamos investigar e intervir nas percepções dos educadores da Educação Infantil sobre educação sexual; como objetivos específicos, verificar o conhecimento que os educadores possuem sobre gênero na Educação Infantil, além de organizar, propor e analisar a formação continuada de educadores em relação à infância, à sexualidade e ao gênero. Como metodologia realizamos o estudo em três etapas: na primeira fez-se um estudo teórico dos conceitos na área de educação sexual, gênero e infância, trazendo rigor conceitual; na segunda, levantamento em base de dados para averiguar as iniciativas ou lacunas na formação docente acerca da temática principalmente no âmbito da Educação Infantil nos cursos de formação inicial e continuada no Repositório Institucional da Universidade Estadual Paulista no período de 2013 a 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual; e, por último, a oferta de um curso de formação aos educadores investigados, por meio da utilização de amparo conceitual, atividades lúdicas através do brincar e da prática de como podemos levar conhecimento. Como resultados nos deparamos com: 1) apontamentos sobre a ausência de estudos a respeito da formação docente, os quais a pesquisa reafirma na falta de formação inicial ou continuada ao educador, trazendo insegurança de como se posicionar e trabalhar com a criança; 2) a importância de pensar uma formação a partir das demandas apontadas pelos educadores vivenciadas no universo escolar sobre sexualidade, gênero e educação sexual, com a ideia de continuidade de aprendizado para as demais faixas etárias na Educação Infantil; 3) a formação trazendo grande impacto, transformando posturas e posicionamentos de maneira facilitadora através das atividades didáticas de fácil acesso mesmo diante de todas as mudanças de percurso que a sexualidade passa, estando ainda interligada a crenças, mitos, tabus e até repressões governamentais. Conclui-se o quanto é importante a formação continuada dos educadores como direito ao acesso e apropriação de conhecimento no contínuo processo de formação da identidade profissional com a inclusão de disciplinas no currículo em formação inicial, visto que os comportamentos sexuais estão presentes durante todos os processos de desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Educação sexual; Formação docente; Sexualidade; Educação Infantil; Gênero.

ABSTRACT

Sexuality is present from birth towards the old age, being part of the history of each individual, being influenced and directed by historical, social and cultural issues and the environment in which we live, in which we come across myths, taboos, prejudice, religious and even governmental positions. The child in his development builds these social relationships through language and culture, learns from other children and adults and at school appropriates the customs around him, living with separation of boys and girls, unfolding for life, making it necessary a new look that does not limit the desires for childhood free from sexist prejudices, without stereotypes. As a general objective, we intend to investigate and intervene in the perceptions of early childhood educators about sex education; as specific objectives, verify the knowledge that educators have about gender in early childhood education, besides organizing, proposing and analyzing the continuing education with educators in relation to childhood, sexuality and gender. As methodology we conducted the study in three steps: the first was a theoretical study of concepts in the area of sex education, gender, childhood, bringing conceptual rigor; the second, a database survey to find out the initiatives or gaps in teacher education on the subject mainly in the area of early childhood education in initial and continuing education courses at the Institutional Repository of the State University of São Paulo from 2013 to 2019 in the Postgraduate Program in Sex Education; and the offer of a training course to the investigated educators, through the use of conceptual support, playful activities through play as we can bring knowledge. As a result we come across: 1) notes on the absence of studies on teacher education, which research reaffirms the absence of initial or continuing education for the educator, bringing insecurity about how to position and work with the child; 2) the importance of thinking about a formation based on the demands pointed out by the educators experienced in the school universe, about sexuality, gender and sexuality education, with the idea of continuing learning for the other age groups in early childhood education; 3) the formation brought a great impact transforming postures and positions in a facilitative way through the easily accessible didactic activities even in face of all the changes in the course that the sexuality passes interconnected to beliefs, myths, taboos and government repressions. It is concluded how important is the continuing education to educators as the right to access and appropriation of knowledge in the continuous process of professional identity formation with the inclusion of subjects in the curriculum in initial formation since sexual behaviors are present throughout the processes of education. child development.

Keywords: Sex education; Teacher education; Sexuality; Early childhood education; Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pegadas de chocolate na cor vermelha, entregue aos participantes como convite ao Projeto Pequenos Passos	32
Figura 2 – Convite para os participantes e o chocolate no formato de pés.....	32
Figura 3 – Presente de boas-vindas aos participantes do projeto	32
Figura 4 – Educadores sentados em roda, como facilitador do aprendizado, no primeiro encontro.....	33
Figura 5 – Primeiro encontro, apresentação do questionário e orientação sobre o projeto	33
Figura 6 – Explicação sobre o Projeto Pequenos Passos no desenvolvimento teórico e prático	34
Figura 7 – Apresentação vídeo sobre sexualidade.....	34
Figura 8 – Debate e proposição de atividades	35
Figura 9 – Apresentação vídeo sobre sexualidade.....	35
Figura 10 – Demonstração de todos os materiais criados para o projeto.....	37
Figura 11 – Material pedagógico: Luva pedagógica e História na lata	37
Figura 12 – Certificado dos participantes	38
Figura 13 – Demonstração do uso da música como estratégia de aprendizado	38
Figura 14 – Uso de videoaula como estratégia de aprendizado	39
Figura 15 – Atividade prática “Luva pedagógica” (conceito, objetivo)	39
Figura 16 – Caixa de chocolate na temática (ausência de sexismo).....	40
Figura 17 – Entrega da certificação aos participantes	40
Figura 18 – Questões pessoais e formativas 1	60
Figura 19 – Questões pessoais e formativas 2.....	61
Figura 20 – Questões pessoais e formativas 3	62
Figura 21 – Questões pessoais e formativas 4.....	63
Figura 22 – Questões pessoais e formativas 5.....	64
Figura 23 – Questões pessoais e formativas 6.....	65
Figura 24 – Questões pessoais e formativas 7.....	66
Figura 25 – Convite de chocolate entregue aos presentes.....	68
Figura 26 – Detalhe do convite-símbolo do projeto	68
Figura 27 – Pegadas de chocolate nas cores do projeto.....	68
Figura 28 – Infância, por Philippe Ariès.....	70
Figura 29 – A infância na Idade Média.....	70

Figura 30 – Ausência do sentimento de infância: breve histórico.....	72
Figura 31 – Representações da criança durante os séculos.....	74
Figura 32 – Infância no Brasil.....	75
Figura 33 – Cenário brasileiro da infância no passado.....	77
Figura 34 – Brancos e negros no Brasil: infâncias distintas.....	78
Figura 35 – Linha do tempo da sexualidade.....	79
Figura 36 – Sexualidade: revisão de literatura.....	80
Figura 37 – A sexualidade ao longo dos anos.....	81
Figura 38 – Educação sexual: uma proposta.....	82
Figura 39 – Sexualidade no cotidiano escolar.....	82
Figura 40 – Vídeo reproduzido no curso como alternativa no ensino e aprendizagem da sexualidade.....	83
Figura 41 – O que é gênero.....	84
Figura 42 – Diversidade.....	84
Figura 43 – Construção de gênero.....	85
Figura 44 – Escola: lugar de quebrar tabus.....	85
Figura 45 – Ser homem e ser mulher: uma velha construção sociocultural.....	86
Figura 46 – Gênero e sexualidade: conceitos que permeiam todos os campos da existência humana.....	86
Figura 47 – Identidades possíveis.....	87
Figura 48 – Vídeos apresentados.....	88
Figura 49 – <i>Menina bonita do laço de fita</i> , de Ana Maria Machado.....	89
Figura 50 – Luvas pedagógicas.....	89
Figura 51 – Trecho da obra utilizada.....	90
Figura 52 – <i>Menino brinca de boneca?</i> , de Marcos Ribeiro.....	90
Figura 53 – Lata confeccionada para o História na lata.....	91

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Descrição dos educadores entrevistados.....	27
Quadro 2 – Projeto de intervenção	30
Quadro 3 – Elementos de análise.....	54
Tabela 1 – Atividades das crianças por gênero	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aids	síndrome da imunodeficiência adquirida
Ask-A	<i>ask an expert</i>
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CADH	Convenção Americana sobre Direitos Humanos
CD	<i>compact disc</i>
Cefam	Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
Ceforpe	Centro de Formação dos Profissionais de Educação
Cemeis	Centro Municipal de Educação Infantil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DST	doenças sexualmente transmissíveis
EAD	educação a distância
EVA	espuma vinílica acetinada
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAQs	<i>frequently asked questions</i>
FCLAr	Faculdade de Ciências e Letras
FTP	<i>file transfer protocol</i>
Gepife	Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Infância
HIV	vírus da imunodeficiência humana
HTTP	<i>hype text transfer protocol</i>
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNE	Plano Nacional da Educação
SRI	Serviço de Referência e Informação
SRID	Serviço de Referência e Informação Digital
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCP/IP	Transmission Control Protocol/Internet Protocol
TICs	tecnologias de informação e comunicação
Unesp	Universidade Estadual Paulista

URL *uniform resource locator*
USP Universidade de São Paulo
WWW *world wide web*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 INTRODUÇÃO	20
2 METODOLOGIA	25
2.1 A PESQUISA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
2.2 CENÁRIO DO ESTUDO	26
2.3 OS PARTICIPANTES DO ESTUDO	27
2.4 A TRAJETÓRIA E A COLETA DE DADOS DA PESQUISA	28
2.5 CONFEÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS	29
2.6 PROJETO DE INTERVENÇÃO	30
2.7 DESAFIOS NO ESTUDO EMPÍRICO	41
2.8 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA	41
2.9 ANÁLISE DE DADOS	41
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	43
3.1 ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL	43
3.2 SEXUALIDADE E GÊNERO: POSICIONANDO ALGUNS CONCEITOS	49
3.3 EDUCAÇÃO SEXUAL, GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MAPEAMENTO DE ALGUNS ESTUDOS	54
4 RESULTADOS	60
4.1 EDUCAÇÃO SEXUAL, INFÂNCIA E GÊNERO: ANÁLISE DA PERCEÇÃO INICIAL DOS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	60
4.2 A MATERIALIDADE DA PESQUISA-AÇÃO: PROJETO PEQUENOS PASSOS	67
4.2.1 Infância e Ausência do Sentimento de Infância	69
4.2.2 Descoberta do Sentimento de Infância	73
4.2.3 Infância no Brasil	75
4.2.4 Sexualidade	78
4.2.5 Educação Sexual	81
4.2.6 Atividades Práticas	88
4.3 EDUCAÇÃO SEXUAL, INFÂNCIA E GÊNERO: IMPRESSÕES E APROXIMAÇÕES DURANTE E APÓS A FORMAÇÃO CONTINUADA	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	100

APÊNDICE A – CERTIFICADO	106
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....	107
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO	109
APÊNDICE D – FILIPETAS	110
APÊNDICE E – MIMO.....	111
APÊNDICE F – LOGOTIPO DO PROJETO	112

APRESENTAÇÃO

Início essa apresentação trazendo um pouco das muitas transformações e vivências que a vida me proporcionou. Momentos de busca, de construção e de grandes vitórias como aprendizado.

Ajudar o próximo sempre foi uma premissa. Nasci em uma família humilde e trago em minha memória lembranças de uma casa muito simples, com quatro filhas, poucas condições financeiras e pais desempregados sempre lutando pela sobrevivência. Mesmo com todas as dificuldades, concluímos nossos estudos e a cada filha coube a procura individual por trabalho para ajudar no lar e no auxílio para sua graduação, cada uma de sua forma, em seu tempo.

Comecei minha formação no magistério no Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam), o que nos possibilitava uma bolsa de estudos que ajudava muito com minhas despesas pessoais e também em casa, sendo utilizada para custear a faculdade posteriormente, iniciando assim meu sonho de ser educadora. Esse processo árduo, mas rico em conhecimento, possibilitou-me muito crescimento e amadurecimento, o que me levou à conquista de outros sonhos, como a graduação em enfermagem. Em síntese, o educar me transformou, levando-me além de meus desejos, porém posteriormente foi necessário trabalhar para terminar os estudos.

O sonho de ser educadora somente se concretizou por meio da enfermagem, na docência nos cursos técnicos, permitindo trazer comigo, porém, aquela rica bagagem, adquirida no magistério, de postura didática e ética como facilitadora do educar, levando conhecimento na saúde com toda a delicadeza adquirida anos antes.

Mesmo atuando como enfermeira, a educação nunca esteve ausente em toda a minha jornada; sempre estive presente como docente na enfermagem ou em educação continuada no ambiente hospitalar levando de alguma forma conhecimento. É com essa paixão que ministro disciplinas teóricas e práticas.

O ingresso na pós-graduação deu-se como um desafio de buscar algo diferente que pudesse acrescentar ao meu trabalho, à minha família e a outras pessoas, visto que outros objetivos já tinham sido concretizados. A Universidade Estadual Paulista (Unesp) aparece nesse contexto de possibilidades e de uma maneira devastadora, transformando-me e transformando meus conhecimentos de uma maneira que eu jamais esperei receber.

Em primeiro lugar, eu não sabia sequer onde ficava Araraquara nem imaginava estudar na Unesp, uma universidade extremamente conceituada. Fui em busca de informações sobre a seleção e todos os aspectos envolvidos nessa conquista e tive sucesso.

O interesse em estudar gênero e suas relações com educadores do ensino infantil surge em conversas com educadores e especialistas frente a inquietações pessoais, como docente e mãe, a respeito de comportamentos observados nos ambientes educacionais em que considera-se o sexo como um critério de organização de brincadeiras, rotinas docentes etc., que afetaram também a minha infância e sobre os quais é preciso gerar transformação, um novo olhar.

A divisão, no ambiente escolar, por gênero – feminino e masculino –, tipos de brinquedos (de menina e de menino), ou mesmo sua representação, via senso comum, por cores demonstra a necessidade urgente de orientação das equipes de educadores. Essas inquietações trouxeram-me, como pesquisadora, a noção do quanto esse tema é importante para o futuro de nossas crianças.

O conhecimento adquirido na Pós-Graduação em Educação Sexual e a inserção no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (Gepife), vinculado à Unesp e apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e suas linhas de pesquisas trouxeram-nos a possibilidade de multiplicar informação de forma qualificada e adequada aos educadores. A compreensão dos conhecimentos relacionados à infância, às práticas educativas na família e na escola, trabalhando a ludicidade, a sexualidade o gênero, o letramento, as tecnologias de informação e comunicação, as práticas pedagógicas escolares e a formação de professores fez-nos entender que estes devem ser compartilhados com seus pares, uma vez que buscamos entender as necessidades de oferta da educação sexual aos educadores no ambiente acadêmico.

Como ilustração, mencionamos uma conversa com um colega de trabalho que descrevia, assustado, o relato de sua irmã, diretora de uma escola da rede de Educação Infantil, ao se deparar com determinados comportamentos de duas crianças no banheiro. Estarrecida, a gestora resolveu a situação com a repressão de ambas as crianças, sem qualquer tipo de orientação naquele momento.

São relatos assim que nos fazem afirmar quanto se faz necessário formar e levar conhecimento adequado, sem juízo de valor, de forma crescente para despertar em cada indivíduo envolvido na educação, seja no âmbito infantil ou em qualquer posição, a percepção da sexualidade por parte da criança.

Hoje, vinculada à Pós-Graduação em Educação Sexual e ao Gepife, com um olhar mais refinado, rico de trocas de experiências entre pesquisadores com vontade de propor mudanças, sinto-me também necessária em uma cidade do interior do Estado de São Paulo,

nesse momento transformador, no que diz respeito ao desafio de conscientizar atores da Educação Infantil por meio de ações na formação continuada dos educadores.

Como profissional e pesquisadora, essa temática traz sonhos antigos à tona sobre um educar cuja colaboração de todos torne possível um ambiente educacional diverso, que gere respeito e esteja livre de estereótipos femininos e masculinos que levam ao preconceito e a comportamentos sexistas.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade se faz presente desde o nascimento, em direção à infância e à adolescência, até a fase adulta e a velhice, perfazendo-se na construção da história do indivíduo, de acordo com questões históricas, sociais e culturais e influenciando, ao mesmo tempo, o modo como cada um irá vivenciá-la.

Existem muitos posicionamentos que influenciam a forma como a sexualidade irá se desenvolver no que se diz respeito a ser homem ou mulher: se o corpo é perfeito, se há presença de doenças, o afeto, os cuidados recebidos durante a infância, o ambiente em que se desenvolveu, a presença ou não de violência, os vínculos de amizades e amores, se recebemos orientação, a educação na família – conservadora ou repressora – etc., sendo os valores e informações que dispomos sobre sexualidade construídos no meio em que vivemos, como nos comportamos, no ambiente e em sensações corporais e subjetivas.

A sexualidade ainda se mantém como um tema tabu em nossa sociedade, apesar de ser algo ‘natural’ e fazer parte do desenvolvimento humano, assim como os demais desenvolvimentos (físico e cognitivo, por exemplo).

Assim como a família, o educador deve estar atento às questões sobre sexualidade de seus alunos dentro do ambiente escolar no que se diz respeito às necessidades de orientação. O educador é uma grande fonte influenciadora de comportamentos e, uma vez que não tenha recebido esse tipo de conhecimento acadêmico, diante das suas vivências do dia a dia será mais difícil por sua vez orientar.

Segundo Figueiró (2009), a sexualidade e o gênero abrangem o corpo como um todo, não estando elencadas as representações de órgãos genitais, envolvendo, sim, as diversas formas das relações entre os sujeitos, permeando seu pensamento e sentimento, fazendo-se presentes no corpo, no olhar, no toque, na libido, destacando o papel da educação sexual na escola como processo de intervenção pedagógica, não representando juízo de valor e normalização das identidades sexuais e de gênero nem sendo entendido de uma única forma: biológica, religiosa ou subjetiva.

Antes mesmo do nascimento, a sexualidade e concomitantemente as identidades de gênero têm início e são constituídas a princípio no bojo familiar, por meio dos seus valores, pudores, conceitos e relações interpessoais (Silveira, 2010).

De acordo com Louro (1997, p. 22-23):

[...] É no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. [...] As concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

As crianças vão construindo suas relações sociais por meio da linguagem e significados culturais, aprendem com outras crianças e com adultos presentes em seu convívio, no ambiente escolar e em diversos ambientes culturais que fazem parte do seu dia a dia, contribuindo para a organização de suas expressões, apropriando-se assim da cultura que emerge em suas manifestações de fala do mundo adulto e infantil.

O universo infantil é socialmente construído tanto pelas crianças como pelos adultos. Na família, na escola, na mídia, as crianças são estimuladas, desde cedo, a demarcar e separar, em suas brincadeiras, as diferenças do universo feminino e masculino.

O ambiente escolar atribui ao corpo e ao gênero modos de se comportar, de ser menina e menino, diferenciando suas brincadeiras, separando-os em jogos de meninas e meninos, no que pode ser usado pela menina e pelo menino (Louro, 1997).

Essas aprendizagens em relação ao gênero, apresentadas na infância, desdobram-se pela vida da criança e continuam em processo de desdobramento, modificando relações que ora são produzidas ora são transformadas e recriadas.

A sexualidade e o gênero não se limitam somente aos órgãos genitais, relacionam-se ao pensamento e ao sentimento e estão presentes em tudo no indivíduo: em seu corpo, toque, como se relacionam etc., interligando-se.

Antes mesmo de nascer a sexualidade e a identidade de gênero estarão inseridas no contexto familiar do indivíduo, introduzidas em seus valores e suas relações, e sofrerão grandes influências pelo meio em que vive.

Legitimando a infância, Kuhlmann Júnior (2011, p. 30) destaca:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras da história.

Finco (2010), aponta-nos a necessidade de olhar para as relações que as crianças têm com seus pares e entre outros adultos, seus conhecimentos, as condições em que vivem e suas atividades de vida. A estudiosa destaca que:

O grande desafio está em compreender que, como categoria social específica, as crianças atuam a partir de suas próprias especificidades, a partir de sua visão de mundo, no impacto que produzem suas primeiras experiências, na relação com os adultos, às vezes controladoras, às vezes protetoras, fonte de satisfação, mas também de frustração. Somente buscando situar a perspectiva da infância, buscando a ótica das próprias crianças, é possível começar a pensá-las como seres atuantes e entender até que ponto as medidas de proteção que se lhes aplicam servem aos seus interesses ou constroem sem justificativas (Finco, 2010, p. 45).

Não podemos desconsiderar o fato de que as crianças são indivíduos ativos e, por isso, participam do processo de constituição de suas identidades, sendo que na psicologia histórico-cultural (Vygotsky, 2007) a criança, por meio de suas interações e relações sociais, apropria-se do patrimônio historicamente acumulado e, assim, das diferentes regras, valores e costumes.

Nesse contexto, as crianças vão tentando buscar formas de negociar, gerando seu modo de brincar, deixando de lado os padrões preestabelecidos de diferenciação, utilizando-se de brincadeiras conjuntas de menino e menina – como pular corda, vôlei, pique-esconde, beto, estátua –, rompendo assim essa separação e as fronteiras em seu espaço de convivência, com modos de viver que incluem as relações de gênero.

Em sua dissertação de mestrado, Ruis (2015) fala de ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil. Um entrelaçamento de vozes nos traz apontamentos sobre a escola também instituir lugares para as meninas e para os meninos, quando a professora diz: “Não chore, você é macho”. Há um comportamento considerado como ‘natural’ para os meninos, pois, nas construções sociais e culturais, o comportamento do menino é marcado pela coragem e valentia. A ele não é dado o direito de chorar e ser emocionalmente frágil e dengoso, conduta essa tida como ‘natural’ para as meninas (Ruis, 2015).

Assim, a escola vai ‘fabricando’ o lugar da menina e do menino, como evidencia Louro (1997) em sua pesquisa. As crianças vão reproduzindo essas práticas culturais e sociais em que estabelecem divisão nas brincadeiras, fazendo-se necessário um novo olhar para essa diferenciação de relações estabelecida na instituição escolar.

A escola atua como instrutora do saber e forma cidadãos, tornando possível atingir objetivos. O ambiente escolar é gerador de conhecimento voltado à educação de crianças e deve ser também um espaço de respeito à diversidade, livre de preconceitos e sexismo. A escola de Educação Infantil deve ser capaz de diferenciar os gêneros sem estereótipos, rompendo paradigmas, mas para isso deve enfrentar sua principal dificuldade: saber como

trabalhar a questão na prática. No campo teórico, de maneira semelhante, há escassez de pesquisas sobre o assunto.

Crociari & Perez (2019) nos apontam a defasagem do processo de formação docente em relação às questões de sexualidade, o que leva a lacunas e prejuízos no trabalho pedagógico. Além disso, existem questões urgentes a serem discutidas no processo de formação inicial dos professores, fazendo-se necessário esse profissional estar capacitado.

A ausência de pesquisas sobre gênero na Educação Infantil (Crociari & Perez, 2018; 2019) é fator indispensável e oportuno para se aprofundar o desenvolvimento da pesquisa nesse âmbito, podendo contribuir para que o conhecimento trabalhado nas instituições de Educação Infantil esteja adequado às necessidades da criança e do educador em suas práticas pedagógicas.

De acordo com Camilo & Perez (2018, p. 180-1):

[...] Estudos mostram o quanto a escola é um espaço que apresenta muitos desafios para o trabalho com a sexualidade e somamos a esta conclusão as lacunas e ausências de conhecimentos sistematizados na formação inicial e continuada de professores para uma (re)significação das práticas pedagógicas com as crianças.

Nesse contexto de posicionamento, o presente estudo tem como objetivo geral investigar e intervir nas percepções de educadores da Educação Infantil sobre a educação sexual.

Como objetivos específicos estabelecemos as seguintes metas:

- a) verificar o conhecimento que os educadores possuem sobre as questões de gênero na Educação Infantil;
- b) organizar, propor e analisar uma proposta de formação continuada com os educadores da Educação Infantil em relação a infância, sexualidade e gênero.

A organização do presente texto contempla seguinte sistematização:

- a) fundamentação teórica – para esse momento apresentamos o embasamento teórico em relação à educação sexual, um histórico sobre o tema no Brasil, questões conceituais sobre sexualidade e educação sexual. Trazemos também um olhar para a educação sexual, o gênero e a formação docente na Educação Infantil, mapeando alguns estudos no que se diz respeito a como se desdobram esses conteúdos na formação dos educadores;
- b) metodologia – na seção metodológica apresentamos as questões da natureza da pesquisa, enfatizando a escolha pelo desenvolvimento de uma pesquisa-ação,

no qual elaboramos procedimentos metodológicos que possibilitaram o diagnóstico e a intervenção a partir da realização de um projeto de formação continuada intitulado Pequenos Passos;

- c) resultados – nos resultados, apresentamos os dados diagnósticos para a elaboração da formação continuada em consonância com a demanda dos educadores participantes da pesquisa. Optamos pela apresentação do material utilizado na formação continuada para materializar e demonstrá-lo como possibilidade de construção coletiva para o desenvolvimento de estudo teórico e prático das temáticas envolvidas no estudo. Em andamento apresentamos as análises do material registrado referente à participação dos educadores.

2 METODOLOGIA

A pesquisa objetivou verificar e intervir na atuação do educador na rede de Educação Infantil de 4 a 5 anos de idade em uma cidade do interior do estado de São Paulo, quanto à sua percepção e interpretação sobre gênero na Educação Infantil, contribuindo por meio de ações interventivas em relação a infância, sexualidade e gênero.

2.1 A PESQUISA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a concretização do objetivo, a pesquisa foi realizada em três etapas. A primeira foi o estudo teórico dos conceitos da área de educação sexual, gênero e infância.

O segundo momento foi o levantamento de estudos em uma base de dados para averiguar as iniciativas ou lacunas na formação docente acerca das temáticas educação sexual, gênero, formação docente, principalmente no âmbito da Educação Infantil nos cursos de formação inicial e continuada. Fizemos buscas no Repositório Institucional da Unesp, utilizando os descritores ‘gênero’, ‘formação docente’ e ‘Educação Infantil’ no período de 2013 a 2019 presentes no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da FCLAr-Unesp.

Por fim, fizemos um estudo empírico que investigou um grupo de professores da rede pública de Educação Infantil e a partir da sondagem e constatação da ausência de estudo e formação na área da educação sexual houve a elaboração e a realização de um curso de formação aos educadores investigados, sendo necessário para esse momento apresentarmos conteúdo teórico para apropriação de conceitos e todas as transformações ocorridas, incluindo os aspectos cultural e tecnológico, nos campos infância, educação sexual e gênero. Utilizamos atividades lúdicas demonstrando assim, através do brincar, as diversas formas que podemos levar conhecimento sobre a temática.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos diferentes ferramentas para o aprendizado através da pesquisa-ação e outras estratégias, como questionário, curso de formação continuada, confecção de materiais pedagógicos como suporte metodológico, vídeos e música apresentando aos educadores diversas possibilidades.

Para o presente estudo, a escolha da pesquisa-ação se fez por meio da construção de conhecimentos e reconhecimentos de outros saberes e produção de informações objetivas, de maneira a promover condições, transformando situações e autorreflexão coletiva de grupos sociais nas práticas educacionais e seu entendimento onde acontecem.

Thiollent (2003) salienta que a pesquisa-ação nos permite a associação ou a ação com resolução de problemas coletivos, com os quais pesquisador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Através da estratégia de intervenção social de discussões, levando à reflexão dos próprios problemas em busca de solucionar os existentes, permitindo pesquisador e sujeitos presentes na pesquisa interagir e interferir sem que se separe a pesquisa da ação na solução do problema, de forma a agir através de suas situações-problemas procurando conhecimentos e experiências, da teoria e prática, para direcionamento adequado de forma participativa.

A pesquisa-ação como estratégia de pesquisa social, levando em conta conhecimento científico, faz com que haja envolvimento detalhado em relação às etapas que envolvem o processo da pesquisa de forma rigorosa, fazendo-se necessária para a manutenção da pesquisa-ação em âmbito das ciências sociais.

Objetivando levar os pesquisadores e os participantes, capazes de responder os problemas enfrentados, à resolução de problemas de forma eficiente, resolvendo o que foi aventado por meio do diagnóstico de situação através de sua voz e vez, de forma educativa leva também para olhares diferentes da pesquisa de forma tradicional de se posicionar (empirista ou apriorística), democratizando resultados devido aos passos gerados, discutindo achados através de resultados parciais ou de organizações internas na pesquisa.

O questionário aplicado aos educadores (Apêndice B) fez-se presente, atendendo ao levantamento de informações do universo do tema da pesquisa de forma coletiva, sendo aplicado sem uma prévia discussão sobre o tema, fundamentado no objetivo de conhecer o nível de conhecimento e percepção dos educadores em relação ao tema proposto.

A orientação em atividades educativas nos levou ao diálogo sobre infância, gênero e Educação Infantil, orientou e esclareceu as dúvidas dos sujeitos, contribuindo para uma educação sexual crítica e reflexiva.

2.2 CENÁRIO DO ESTUDO

Elegemos como cenário do estudo uma cidade do interior do estado de São Paulo cercada pela agropecuária, com destaque para a criação de gado que, aliada à implantação de frigoríficos, tornou-a conhecida mundialmente pela qualidade dos produtos gerados, desenvolvendo o comércio e a prestação de serviços.

Além desses aspectos, o município possui o maior centro médico da América Latina em tratamento do câncer, diversas instituições de ensino que contribuem para a formação

profissional dos cidadãos e a preservação de sua cultura sertaneja acolhedora, mantendo sua tradição através de eventos e movimentando sua economia. Possui ainda 28 Centros Municipais de Educação Infantil (Cemeis), atendendo no ano de 2018 cerca de 5.211 crianças do berçário à recreação, em períodos matutinos, vespertinos ou integrais.

Para atender às necessidades da população, a cidade conta com uma unidade diferenciada, a Mães Comerciantes, atendendo àquelas que trabalham com atendimento de acordo com horário do comércio da cidade e atividades escolares iniciando às 8h e terminando às 19h de segunda a sexta-feira e aos sábados das 8h às 14h.

2.3 OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

A seleção dos educadores envolveu a Secretária Municipal de Educação em conjunto com o Centro de Formação dos Profissionais de Educação, direcionando os educadores da rede de Educação Infantil de 4 a 5 anos de idade. Os encontros foram realizados em espaço cedido pela Secretária de Educação em seu centro de formação, no horário das 14h às 17h, com encontros mensais.

A população envolvida no objeto de pesquisa foram os educadores da rede de Educação Infantil de uma cidade do interior do estado de São Paulo, representando o universo escolar. Obtivemos a participação de 12 educadores na aplicação do questionário e atividade de intervenção, em sua maioria pertencentes ao sexo feminino e apenas um educador do sexo masculino.

Quadro 1 – Descrição dos educadores entrevistados

Entrevistados	12 educadores	
Idade	Entre 26 e 50 anos	
Sexo	11 feminino (92%)	1 masculino (8%)
Formação acadêmica	Licenciatura em Pedagogia: 35% Pós-graduação em Gestão Escolar: 6% Pós-graduação em Educação Especial: 29% Pós-graduação em Educação Infantil: 12%	Pós-graduação em Psicopedagogia: 6% Licenciatura em Educação Física: 6% Licenciatura em Matemática: 6%
Tempo de atuação	Entre 1 ano e 24 anos de atuação na docência	
Outras experiências profissionais	Secretaria: 20% Controle de vetores: 20% Vendas: 40% Comércio: 20%	

Observa-se quanto a formação dos educadores se mostra em constante aprimoramento no que se diz à formação inicial e à busca de novos aprimoramentos sobretudo de pós-graduação. O tempo na atuação do magistério foi significativo, sofrendo variações de 1 a 24 anos na docência.

Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (Novoa, 1994b).

2.4 A TRAJETÓRIA E A COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Para melhor desenvolvimento do estudo, optamos por apresentar o projeto aos gestores envolvidos, dando abertura para qualquer dúvida e esclarecimento.

O projeto foi chamado de Pequenos Passos, visto que existe a intenção de continuidade das atividades sobre sexualidade gênero e educação sexual na rede de educação, objetivando atingir as demais faixas etárias na educação.

A escolha desse nome se deu devido à ligação que existe entre o início do caminhar e a necessidade de crescimento na temática na educação seguindo o percurso passo a passo, um pé adiante do outro. Como na conhecida frase de Platão: “Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo”.

O símbolo (dois pés) remete à intensidade do caminhar, do início, do despertar da liberdade e como assim pretendemos direcionar sexualidade, gênero e educação sexual. Fez-se necessária, por questões éticas, a criação por um profissional do logotipo para o projeto (Apêndice F).

Realizaram-se os primeiros contatos com a Secretaria Municipal de Educação, via telefone para direcionamento sobre os horários, conversas com os representantes da secretaria e das instituições de ensino elencadas. Para isso, tivemos um pouco de dificuldade, devido à agenda intensa de atividades dos responsáveis, mas tendo marcado um momento para apresentação do projeto e alinhamento às necessidades para que este fosse aplicado, além de esclarecimentos etc., as autorizações foram cedidas, iniciando assim os preparativos para a pesquisa descrita a seguir:

- a) identificação e seleção do local adequado para realização dos encontros;
- b) levantamento e aquisição dos insumos necessários;
- c) seleção bibliográfica;
- d) encontros com orientadora para alinhamento teórico e organização das atividades em cada momento;
- e) reprodução do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE);
- f) encontros com orientadora sobre perguntas para aplicação do questionário, alinhando as necessidades da pesquisa;

- g) aplicação de teste em um educador infantil, realizando correções ortográficas para melhor entendimento;
- h) confecção de material pedagógico para o momento da intervenção, sendo necessárias diversas pesquisas sobre assunto e adaptações para o projeto.

Definiu-se uma agenda adequando os horários nos quais seriam realizadas as atividades de orientação junto ao Centro de Formação dos Profissionais de Educação (Ceforpe), sendo definidos encontros mensais num total de quatro, realizados os convites com espaço aberto para todos os educadores, em especial para aqueles que trabalhavam com a faixa etária a ser analisada (de 4 a 5 anos de idade), exceto os que se encontravam afastados de suas atividades (licença-saúde, licença-maternidade, exercendo função administrativa).

Os encontros contaram com uma preparação especial e foram cercados de cuidados, como agendamento prévio do local, preparo da sala (iluminação, ventilação, disposição das cadeiras em círculo – facilitando a interação com o grupo –, teste do aparelho retroprojeter e som), bem como seleção e preparo antecipado do material específico para cada encontro.

2.5 CONFECÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS

As práticas educativas com base em atividades lúdicas são facilitadoras do aprendizado. As atividades foram planejadas objetivando mostrar ao educador os facilitadores que podemos utilizar para trabalhar na Educação Infantil gênero, sexualidade e educação sexual no dia a dia em sala de aula de maneira interdisciplinar, transmitindo as mensagens necessárias para cada faixa etária.

Vygotsky (1991) nos ensina que a criança opera com significados desligados dos objetos e ações, mas inclui ações reais e objetos reais, caracterizando a transição da atividade do brinquedo para a realidade. A criança utiliza atividades imaginárias, relembra e usa em outro contexto através da brincadeira o que já vivenciou, demonstrando que o brincar consiste em um processo de aprendizagem em desenvolvimento não concluído.

As atividades lúdicas podem ser uma grande estratégia para trabalhar questões relacionadas à sexualidade, viabilizando-as socialmente, emocionalmente e sendo o brincar norteador de conflitos. Moreira (2013) constata que as atividades lúdicas possibilitam relações de ensino e aprendizagem nos processos formativos dos educandos em relação às questões de gênero e sexualidade.

A utilização do brinquedo se faz apropriada para a criança em desenvolvimento, podendo conciliar a metodologia de ensino, tornando-se este mais significante ainda, assim

como o jogo é utilizado como um recurso auxiliar, permitindo desenvolvimento da inteligência de forma objetiva e concreta através de suas ações (Vygotsky, 1991).

2.6 PROJETO DE INTERVENÇÃO

O projeto de intervenção se faz presente traçando caminhos e pensando no agir profissional, estando conectado a todo o projeto de pesquisa, trazendo visibilidade e ações junto aos profissionais de educação, uma vez que a criação do projeto se deu a partir das necessidades do pensar a formação dos educadores em relação às lacunas que foram apontadas, lacunas essas presentes em sua formação, continuidade ou mesmo na simples busca de conhecimento na temática. O projeto surge como estratégia de amparar e direcionar os educadores.

Quadro 2 – Projeto de intervenção

PEQUENOS PASSOS: UM OLHAR DIFERENCIADO PARA O EDUCADOR
<p>Instituição: Rede de Educação Infantil Público-alvo: Professores da Educação Infantil (4 a 5 anos de idade) Período: Setembro a novembro de 2018</p>
<p>Objetivo geral: Verificar e intervir na atuação do educador quanto à sua percepção e interpretação sobre gênero e Educação Infantil, contribuindo por meio de ações interventivas.</p>
<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - verificar o conhecimento que os educadores possuem sobre as questões de gênero na Educação Infantil; - analisar dados empíricos nas vertentes infância, sexualidade e gênero; - organizar e estabelecer atividades de intervenção com os educadores de Educação Infantil em relação a infância, sexualidade e gênero; - organizar atividades, a partir da interação e demandas do grupo durante a formação.
<p>Processo metodológico: O projeto será apresentado e discutido com a direção da Secretaria de Educação, para as devidas autorizações e modificações necessárias das atividades. Utilizaremos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), explicando claramente os objetivos do projeto, assim como que as atividades têm fins de pesquisa e de divulgação científica, solicitando o consentimento de todos os envolvidos quanto ao uso das informações coletadas assim como uso de imagem e anotações que forem necessárias durante a pesquisa.</p> <p>As atividades serão programadas às terças-feiras, quinzenalmente, das 14h às 17h, durante o horário estabelecido para as reuniões de planejamento. Para esse momento, nos organizaremos com equipamentos de retroprojetor, caixas de som, microfone, lousa, carteiras e material lúdico.</p> <p>Utilizaremos textos e <i>slides</i> com figuras e representações, facilitando o conhecimento a partir da interação e demanda do grupo durante a formação e também por meio do levantamento realizado pelos dados do questionário. A certificação se efetivará aos que apresentarem 75% de presença no projeto e participação nas atividades propostas.</p>
<p>Avaliação: A avaliação será contínua e processual durante o projeto de intervenção.</p>

Cronograma			
DATA	TEMA	ATIVIDADE/ MÉTODO	RECURSOS MATERIAIS
11/9/2018	Apresentação projeto	- Aplicação questionário impresso - TCLE - Orientações sobre o projeto	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
6/11/2018	- Apresentação/mapeamento dos dados do questionário - Filipetas para saber os temas que gostariam que fossem abordados - Fundamentos sobre infância, ausência e sentimento de infância, infância no Brasil, século XX, mudanças tecnológicas e culturais - Sexualidade e conceitos - Educação sexual - Cotidiano escolar e sexualidade - Vídeos sobre sexualidade	- Exposição e discussão dos conceitos científicos - Utilização de recursos visuais como vídeo	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
13/11/2018	- Conceituação de gênero - Vídeos sobre gênero - Atividades com uso de materiais pedagógicos (Luva pedagógica, História na lata, música) - Avaliação de reação - Discussão de resultados - Agradecimentos e certificação	- Exposição e discussão dos conceitos científicos - Utilização de recursos visuais como vídeo - Atividades lúdicas	- Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários) - Materiais pedagógicos confeccionados pela pesquisadora
Referências			
<p>Louro, G. L. (1999). Pedagogias da sexualidade. In: G. L. Louro (Org.). <i>O corpo educado: pedagogias da sexualidade</i> (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica.</p> <p>Leão, A. M. C. (2012). <i>A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência</i>. Relatório de Pós-Doutorado Apresentado à Fapesp, Departamento de Psicologia da Educação, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP.</p> <p>Scott, J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. <i>Educação & Realidade</i>. Porto Alegre, v. 16, n. 2, pp. 5-22, jul./dez.</p> <p>Costa, C. L. (1994). O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. <i>Cadernos Pagu</i>, Campinas, n. 2, pp. 141-74.</p> <p>Giachini, A. C. B. & Leão, A. M. C. (2016). Relação de gênero na Educação Infantil: apontamentos da literatura científica. <i>Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação</i>, v. 11, n. 3, pp. 1409-22, jul.-set. Recuperado de https://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n3.9038</p> <p>Ariès, P. (1981) <i>História social da criança e da família</i>. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.</p> <p>Leão, A. M. C. & Ribeiro, P. R. M. (2011) Sexualidade sem trauma: trabalhando gênero e corpo com crianças de uma escola municipal de Educação Infantil. In: Monteiro, S. A. I. (Org.). <i>Educação na contemporaneidade: reflexão e pesquisa</i>. São Carlos: Pedro & João Editores.</p>			

O projeto de intervenção foi planejado para seis encontros, no entanto, mediante agenda de atividades programadas para os educadores, conseguimos organizar quatro, ocorrendo apenas três encontros devidos a problemas com uma das coordenadoras e a dispensa dos demais educadores, ficando convocados para as atividades finais somente os educadores de crianças de 4 a 5 anos de idade, podendo haver falhas de comunicação nesse processo. Os encontros foram realizados nos meses de setembro a novembro, atingindo todos os objetivos propostos.

No primeiro encontro foi aplicado o questionário, fizemos a apresentação do projeto e falamos da trajetória que seria seguida, realizamos o convite para todos os educadores, assim como a entrega de um pequeno mimo (Figura 1) para os participantes – pequenas pegadas de chocolate nas cores do nosso projeto –, representando a proposta, sem diferenciação de gênero.

Figura 1 – Pegadas de chocolate na cor vermelha, entregues aos participantes como convite ao Projeto Pequenos Passos



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 2 – Convite para os participantes e o chocolate no formato de pés



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 3 – Presente de boas-vindas aos participantes do projeto



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 4 – Educadores sentados em roda, como facilitador do aprendizado, no primeiro encontro



Fonte: Arquivo pessoal (2018), autorizada pelos participantes.

Figura 5 – Primeiro encontro, apresentação do questionário e orientação sobre o projeto



Fonte: Arquivo pessoal (2018), autorizada pelos participantes.

No segundo encontro, foi apresentada aos educadores a análise do questionário expondo os gráficos e realizando explanação sobre cada pergunta contida nele. Após, iniciamos a apresentação teórico-histórica em relação à infância, referenciando conceitos como ausência de sentimento de infância, descoberta do sentimento de infância, infância no Brasil, século XX e mudanças tecnológicas e culturais.

Apresentamos para os educadores uma filipeta (Apêndice D) em que os educadores deveriam apontar temas que gostariam que fossem abordados em nosso próximo encontro. Na análise dessas filipetas observamos a solicitação de como trabalhar a sexualidade, esse assunto tão delicado, com as famílias, ideias de temas para trabalhar no dia a dia sobre a sexualidade e gênero, etc. Todas essas questões já estavam inseridas em nossa apresentação, objetivando facilitar o aprendizado através das práticas.

Figura 6 – Explanação sobre o Projeto Pequenos Passos no desenvolvimento teórico e prático



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 7 – Apresentação vídeo sobre sexualidade



Fonte: Arquivo pessoal/YouTube (2018).

Figura 8 – Debate e proposição de atividades



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 9 – Apresentação vídeo sobre sexualidade



Fonte: Arquivo pessoal/YouTube (2018).

No terceiro encontro conceituamos gênero e apresentamos vídeos que abordavam a temática de diversas formas. Nesse mesmo encontro, apresentamos quatro atividades práticas que abordavam infância, sexualidade e gênero de forma lúdica, mostrando para os educadores que podemos abordar esse assunto de forma multidisciplinar, sem anunciar especificamente o nome ‘educação sexual’, respeitando a idade de cada criança, seus princípios e crenças.

Figura 10 – Demonstração de todos os materiais criados para o projeto



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 11 – Material pedagógico: Luva pedagógica e História na lata



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 12 – Certificado dos participantes



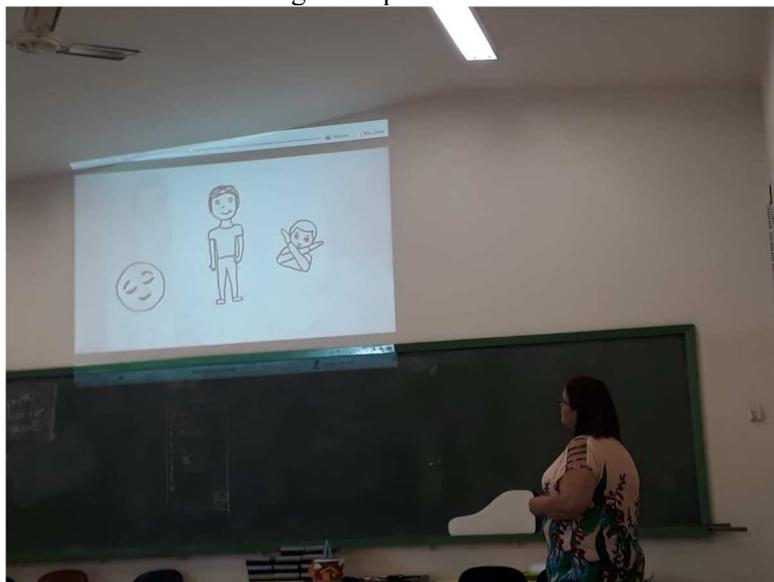
Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 13 – Demonstração do uso da música como estratégia de aprendizado



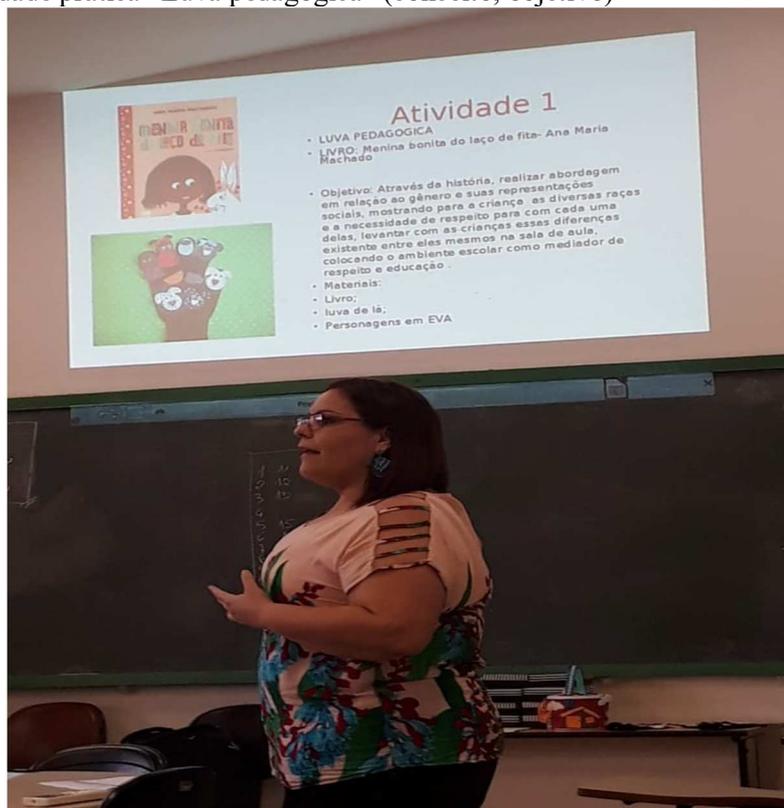
Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 14 – Uso de videoaula como estratégia de aprendizado



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 15 – Atividade prática “Luva pedagógica” (conceito, objetivo)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 16 – Caixa de chocolate na temática (ausência de sexismo)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 17 – Entrega da certificação aos participantes



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Durante todas as atividades apresentadas obtivemos grande participação dos educadores dividindo conosco outras ideias e temas, sugerindo outros tipos de canções, interagindo com o grupo. Cantamos e dançamos juntos a música de cunho didático e percebemos grande atenção de todos nos momentos de contação de história com a Luva pedagógica e a História na lata. Observamos olhares curiosos quando anunciamos, ao término, que essas são maneiras simples de abordar sexualidade, gênero e educação sexual com crianças de 4 e 5 anos de idade. Os participantes perceberam que em seu cotidiano há alguns

comportamentos ideais para inserção da educação sexual e de gênero, mas sabem que ainda têm muito o que buscar e transformar ideias e ações na Educação Infantil.

Solicitamos a todos que nos apontassem o que o curso ofereceu para a sua formação e prática profissional sobre os temas abordados. Encerramos o encontro agradecendo a todos os participantes, à Secretaria de Educação e realizamos a entrega dos certificados (Apêndice A) e uma lembrança (Figura 16) a todos os presentes.

2.7 DESAFIOS NO ESTUDO EMPÍRICO

Durante toda a pesquisa nos deparamos com desafios em relação ao cenário nacional político às vésperas das eleições presidenciais no segundo semestre do ano de 2018, num contexto de adesão aos discursos de depreciação da área dos estudos da sexualidade e a imposição de ideias acerca de combate à chamada “ideologia de gênero” em detrimento à diversidade e igualdade de gênero.

Nos deparamos também com a cultura sexista da cidade, permeada de atividades enraizadas em tradições de domínio patriarcal e festividades que reproduzem valores relacionados a hierarquia e desigualdade de gênero, bem como relações de poder.

Enfrentamentos de mudanças estruturais locais se fizeram presentes durante nosso estudo no que se diz respeito à oferta de formação continuada na Educação Infantil, sendo necessárias mudanças de forma a olhar para Educação Infantil como espaço de escuta e educação em formação aos educadores.

2.8 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

Durante todo processo da pesquisa, preservamos a identidade dos participantes, garantindo anonimato em todas as atividades, o TCLE foi aplicado em todas as atividades realizadas e solicitamos autorização aos participantes para realizar imagens fotográficas das atividades de intervenção.

Todas as etapas passaram por solicitação junto à secretaria Municipal de Educação.

2.9 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados utilizamos o conceito de unidades significativas de Bardin (2004) almejando a exploração do campo das comunicações e suas significações, ou seja, a

descoberta de elementos por trás de conteúdos manifestados, indo além do que comunica (Gomes, 2001).

De acordo com Bardin (2009), ao analisar o conteúdo, enquanto método pela análise de comunicações, utilizam-se procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens em busca do sentido do documento “porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (Bardin, 2009, p. 51).

A utilização do investigador qualitativo, avaliando os significados e validando a temática-objeto da investigação (Minayo, 2004), mostra que na busca qualitativa devemos nos preocupar com o aprofundamento, sua abrangência e compreensão nos diversos grupos sociais. Assim, ao realizar uma abordagem qualitativa, buscou-se a aplicação e a compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição ou de uma representação. Faz-se necessário, vale ressaltar, que os sujeitos estejam envolvidos em toda dinâmica da qual se pretende captar as informações (Oliveira, 2006).

A análise de conteúdo organiza-se em torno de três polos, conforme Bardin (2009): 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e, por fim, 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção apresentaremos uma revisão de literatura sobre o tema educação sexual, além de breve histórico e questões conceituais sobre sexualidade. Traremos também um olhar panorâmico sobre educação sexual, gênero e o papel docente na Educação Infantil. Procuraremos ainda mapear estudos e verificar como se desdobram esses conteúdos na formação dos educadores.

3.1 ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

Estudos apontam que ao falar de sexualidade podemos abordar o assunto de diversas formas devido à sua grande importância na dimensão humana. O processo de transformação em relação a questões econômicas, sociais e políticas pelas quais passamos ao longo dos tempos nos mostram modificações em relação ao comportamento sexual no que se refere aos valores e códigos ligados ao sexo.

A educação sexual não pode ser vista isoladamente, ela deve acontecer como um todo na educação, fazendo-se necessário conhecimento e aprimoramento por parte dos educadores e pais, levando a multiplicação de saberes em busca de respostas.

As primeiras representações de educação sexual no país se deram no Brasil Colônia. A presença de várias etnias e as normas impostas pela igreja podem explicar a relação do homem brasileiro com a sexualidade, bem como a repressão e submissão das mulheres. Muitos desses fatores, vivenciados nos séculos XVI a XVIII, com mudanças no século XIX, como a urbanização e a Independência (Ribeiro, 2004), além da moral médica controlando as práticas sexuais de forma silenciosa na Colônia, foram documentadas no período imperial em teses, livros e manuais.

Para Ribeiro & Bedin (2010), a sexualidade brasileira se evidencia desde a Colônia, com as trocas de saberes entre os portugueses e os índios em relação a valores, práticas e crenças. Priore (2011) aponta objeção dos portugueses, por exemplo, em relação à nudez dos indígenas e sua simbologia. Para eles, caracterizava falta de vergonha e pudor. As regras da época permitiam o sexo ao homem com suas esposas e com as índias, estendendo-se às negras posteriormente. Às mulheres cabia a submissão ao marido e à religião, sendo o sexo apenas para a reprodução na família. O sexo não podia ser relacionado ao desejo e ao prazer (Ribeiro, 1990; 2004).

Priore (2011) relembra relatos do século XIX, quando apenas as ciências estavam autorizadas a falar sobre sexo, direcionando o certo e o errado, impondo regras, disciplinando as relações sexuais, apontando como prostitutas e loucas as mulheres que reconheciam praticar ou gostar do ato sexual. Eram ainda responsáveis por disseminar a sífilis, sendo os homens que adquiriam a “doença dos bordéis” apontados como infiéis e normatizados pela classe médica, que se posicionou também em relação à homossexualidade como uma patologia que deveria ser tratada e à masturbação como objeto de pesquisa, pois consideravam-na responsável por enfermidades terríveis entre as mulheres.

Buglione (2002) aponta a posição das instituições religiosas na repressão da sexualidade baseada na ideia de aperfeiçoamento da raça brasileira, tendo como exemplo a sociedade portuguesa cristã, focada na subordinação, na obediência da mulher ao homem, gerando tantos filhos quanto Deus e a natureza determinassem. Vale lembrar que esse posicionamento da igreja católica perdurou até o século XIX, modificando-se recentemente apenas pela ótica médica de higiene e saúde. Ainda assim, esse foi um período – até o início século XX – marcado pela importância da educação sexual em livros escritos por médicos, professores e sacerdotes, direcionando os comportamentos sexuais dos indivíduos.

Ribeiro (2004) assinala dados de historiografia em diversas citações sobre estudos nos meios acadêmico e leigo em relação a sexualidade, educação sexual e sexologia no Brasil antes dos anos 60, espaços esses gerados nas ciências humanas e médicas. Os saberes sexuais no Brasil se baseavam em autores europeus, direcionado as especificidades raciais do povo brasileiro ao caboclo, baseando-se no higienismo e na eugenia, focados na pureza moral e cívica de uma sociedade brasileira em “regeneração” física e comportamental com indivíduos mentalmente saudáveis em suas atitudes.

O referido autor esclarece que nas décadas iniciais do século XX a medicina brasileira estava marcada pela ambiguidade de posicionamento de ideologias: em dados momentos se posicionava pela visão higienista, eugênica, mas defendia a psicanálise na medicina e educação, surgindo assim estudiosos que defendiam educação sexual para crianças e jovens e obras sobre educação sexual, referenciadas também por médicos, padres, educadores. Diversas delas apontavam os males físicos e psíquicos gerados por práticas sexuais desregradas, no entanto também existiam autores que não encaravam a sexualidade de uma forma negativa ou a vinculavam apenas a patologias. Mesmo assim, colocavam-se como normalizadores, direcionando o que seria melhor para a saúde.

Ribeiro (2004) descreve a sexualidade como ligada à reprodução, à evolução e ao desenvolvimento saudável das funções mentais e físicas do indivíduo, sua família e seu povo.

Destacam-se em suas pesquisas duas obras: *Sexualidade*, publicada em 1919, e *Perfil da mulher brasileira*, de 1924, além da obra de José de Albuquerque sobre impotência sexual do homem, em 1928. Nesse período, destacam-se várias outras obras importantes da educação sexual no país, além da criação, em 5 julho de 1933, do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, responsável por gerar muito conhecimento, palestras, uma pinacoteca e um museu sobre sexualidade, além da instituição do Dia do Sexo, pioneiramente comemorado em 20 de novembro de 1935.

A data ficou conhecida nas rádios e José de Albuquerque foi o primeiro a escrever sobre educação sexual nas escolas, o que o aproxima dos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) com a sua maneira de pensar, abordando educação sexual como um tema transversal, de forma natural. Tivemos ainda outros autores com grande importância na educação sexual, como Padre Álvaro Negromonte e Júlio Porto-Carrero.

A aprovação, em 1928, pelo Congresso Nacional da proposta de educação sexual nas escolas, transcorrendo até por volta de 1950, se deu com muitos problemas provindos da mídia e enfrentamentos judiciais com quem defendia a educação sexual nas escolas de um lado e a igreja, naquele momento histórico, de outro.

Figueiró (1998) narra experiências em educação sexual no Brasil na década de 60, período favorável segundo Barroso & Bruschini (1982), Rosemberg (1985) e Werebe (1978), além de relatos de alguns colégios católicos com programas de educação sexual devido a mudanças na igreja após o concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965.

Temos o conhecimento de que, no final de 1997, o Ministério da Educação (MEC) oficializou os PCNs, consoantes com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9.394/96, considerando que a orientação sexual é um tema social e urgente que precisava estar no currículo do Ensino Fundamental.

Figueiró (1998) salienta toda evolução histórica da educação sexual no Brasil, termo este – ‘educação sexual’ – que, segundo ele, deve ser utilizado recebendo melhor conotação para seu objetivo, isto é, o educando como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimento.

O autor faz apontamentos sobre os primeiros relatos, nas décadas de 20 e 30, referentes à necessidade de programas de educação sexual sofrerem grande influência de educadores e médicos com objetivo de aumentar o conhecimento das mulheres e melhorar sua saúde. Não se falava, então, na reestruturação dos papéis sexuais.

As primeiras formas de tentativa de introduzir educação sexual se deram entre 1930 e 1954. Em um Colégio Batista do Rio de Janeiro o professor responsável foi demitido e

processado. Relatos da década de 60, quando se falava em educação sexual somente em escolas protestantes ou que não estivessem ligadas a religião, demonstram como esse foi um momento extremamente repressivo no que diz respeito à educação em sexualidade humana e à manifestação da sexualidade entre os estudantes.

Figueiró (1998) enfatiza que a década de 60 realmente foi um período determinante nas tentativas de transformações em relação à educação sexual, já que as mudanças no Vaticano permitiram inserir assim o tema nos colégios católicos. De 1962 a 1965, o próprio interesse das classes mais esclarecidas da sociedade e a renovação pedagógica na rede pública (esta também inserida nos grandes centros, como São Paulo e Belo Horizonte) foram fatores essenciais.

Durante esse processo, foi inserida uma abordagem para os educadores trabalharem o tema através de seminário semanal; para os alunos, ofertou-se orientação em grupo e individual; aos pais, seminários para discussão da importância de aceitar o trabalho com os alunos e encorajá-los a falar sobre sexualidade com os filhos. Esse trabalho foi interrompido em 1967 devido a uma crise política.

O retrocesso pareceu ainda maior quando foi rejeitado o projeto da deputada Julia Steinbruch do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), atual Movimento Democrático Brasileiro (MDB) do Rio de Janeiro, que propunha a inclusão obrigatória da educação sexual nos currículos de primeiro e segundo graus. Em maio de 1970, o Congresso Brasileiro oficializou a censura prévia de livros e jornais e a política de planejamento familiar pró-natalista com proibições de orientação sobre meios anticoncepcionais e controle de natalidade.

Em 1976, a conselheira Edilia Coelho Garcia, ao apresentar a posição oficial brasileira no Primeiro Seminário Latino-Americano de Educação Sexual, afirmou, entre outras coisas, que “Entendemos no Brasil que primordialmente é à família que compete uma educação nos problemas de educação sexual [...]. Realmente no Brasil, em regra geral, somos contrários às chamadas aulas de educação sexual...” (Rosemberg, 1985, p. 15).

Após diversos impasses, iniciaram-se novos trabalhos em São Paulo, de 1978 a 1982, com projetos a serem ampliados apontando diversas recomendações de aplicação junto aos alunos da quinta série do antigo primeiro grau, objetivando a ampliação em 1983 aos demais ciclos do Ensino Fundamental e da pré-escola. O projeto foi cancelado, uma vez que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, na época comandada por Guiomar Namó de Mello, não considerava educação sexual uma questão de prioridade.

Paulo Freire e Marta Suplicy retomaram, em 1989, as tentativas de implementação, encontrando dessa vez pela frente impedimentos como os cortes nas verbas da Prefeitura de São Paulo. Faz-se necessário apontar algumas pesquisas que foram realizadas em toda a trajetória pela Fundação Carlos Chagas em 1979 de forma semelhante, na experiência do Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo (USP) e dos Colégios Vocacionais (Werebe, 1977; Pimentel & Sigrist, 1971).

Aprovada a LDB Darcy Ribeiro, em dezembro de 1996, e o estabelecimento dos PCNs, inicia-se o tema a sexualidade nas escolas com reconhecimento de sua importância de forma educativa escolar, critério utilizado até hoje, de forma transversal, sendo trabalhado pelas diversas áreas e professores de criança e jovens.

Figueiró (2010) sintetiza a história da educação sexual no Brasil de uma fase controladora, nas décadas de 20 e 30, para uma educação sexual formadora de pessoas.

Araújo (1999) nos lembra séculos de falta de diálogo e de repressão, o que justifica o fato de que ainda hoje essa noção tenha de ser revista e abandonada em benefício de uma abordagem não autoritária, mas com diálogo, sem culpa em relação a si e ao seu corpo.

Sendo esse marco extremamente necessário para os interesses em educar sexualmente seus alunos, no final dos anos 80 e início dos anos 90, juntamente com todo o foco dos meios de comunicação apontando os papéis da escola e da família, Ribeiro (2004) descreve que nada foi feito no que diz respeito a formar professores capazes de trabalhar as questões de sexo e sexualidade no ambiente escolar. Lembra que nunca houve ações governamentais de forma efetiva de educação continuada e formação de docentes, necessitando o país ainda de grandes avanços com abrangência nacional em estudos de gênero, políticas ativas e efetivas em relação, por exemplo, à homofobia e à prevenção da Aids, investimento em nossos currículos na licenciatura e pedagogia, e instrumentalização dos educadores para debater a educação sexual na sua formação. Para ele, assim teremos assimilação e direcionamento de forma adequada aos estudantes.

Figueiró (2010) reflete que aquilo que pode ter travado os avanços em relação à educação sexual nas escolas e novos posicionamentos (esse tipo de educação não ser prioritária naquele momento) não está em consonância com o fato de que devemos levar a criança à reflexão, à informação de forma a contribuir de maneira responsável enquanto sujeito em desenvolvimento e estimular todas as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem, como professores, diretores, funcionários, pais e alunos (Moreira, Perez & Leão, 2013).

Os documentos produzidos na conferência de Cairo e Pequim na década de 1990 na temática direitos humanos, liberdade sexual, saúde e educação posicionam a responsabilidade dos estados no acesso às informações em relação à saúde sexual e reprodutiva, desenvolvendo ações em planejamento familiar, contracepção, aborto de forma segura de acordo com as normas de cada país, atenção a serviços obstétricos e aconselhamento, modificando a educação de crianças e adolescentes.

Os PCNs (Brasil, 1998) através da LDB, com objetivo de orientar as escolas em relação às novas propostas pedagógicas e às práticas, trazem temas transversais, caracterizando-se como obrigatoriedade no currículo educacional para a formação pessoal e social, sendo compreendido em todas as disciplinas, como português e história, levando ao saber e ao educar para a cidadania e dessa forma possibilitando que possam desenvolver e exercer a sexualidade com prazer, saúde e responsabilidade.

Para organização dos conteúdos transversais nessa temática, dividiu-se em três partes de estudo: corpo, relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, estando composta na grade curricular a orientação sexual (Brasil, 1998). A sexualidade faz parte dos sujeitos desde a infância, entendendo-se imperativamente, portanto, que a escola se torna local adequado para trabalhar os direitos reprodutivos e sexuais na educação.

A escola deve estar inserida no desenvolvimento dos sujeitos por ser um espaço que produz cultura, recebendo diversidade de pessoas, mediando aprendizados pela ética e compreendendo como isso ocorre faz parte da construção da identidade e da apropriação cultural inerente ao princípio precípua da educação. (Moreira, Perez & Ribeiro, 2013).

Por volta de 20 anos após o surgimento dos PCNs, ainda se questionam posicionamentos em relação às práticas voltadas à sexualidade, uma vez que estudos demonstram que adolescentes estão colocando em risco sua saúde por meio de seus comportamentos sexuais, demonstrando também que condutas de professores e outros profissionais do ambiente escolar diante dos comportamentos sexuais dos alunos podem estar associados à falta de capacitação para lidar com a sexualidade por estarem inseridos em propostas pedagógicas focadas na religião higienista e heteronormativa.

Desde 2004, o movimento Escola sem Partido organiza projetos com o objetivo de impedir o que chamam de doutrinação política e ideológica por parte dos professores, solicitando a exclusão dos termos ‘orientação sexual’ e ‘gênero’ do Plano Nacional da Educação (PNE) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trazendo muitas discussões sobre as necessidades de posicionamentos acerca do tema na saúde e na educação.

Toda a movimentação do Escola sem Partido e as mudanças políticas atuais envolvem posições em relação aos conteúdos de disciplinas que possam estar em desacordo com as convicções morais dos estudantes e de seus pais, e que violariam o artigo 12 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (CADH), segundo o qual o aluno tem liberdade de consciência e de religião e deveria receber orientações de acordo com sua educação religiosa e moral. A alegação acusa ainda o educador de “perder tempo” em sua aula para “fazer a cabeça” dos alunos sobre questões políticas partidárias de ideologia e moral.

Surge então a ideia desses movimentos de incentivar os alunos a divulgar testemunhos em relação a não aceitação de, segundo eles, vítimas desses “falsos educadores”.

3.2 SEXUALIDADE E GÊNERO: POSICIONANDO ALGUNS CONCEITOS

Nesse território temático, faz-se necessário conceituar sexualidade e gênero, direcionando-nos e avançando para o que pretendemos estudar.

Um olhar detalhado para a sexualidade e o gênero, mediante as dificuldades encontradas hoje ao se tratar desse assunto, é imperativo, pois trata-se de tema ainda abordado com muitas restrições.

É necessário desconstruir o modo de ver gênero como uma parte biológica em si, afirmando a grande importância de estudos relacionados, gerando e levando conhecimentos adequados e descaracterizando formas errôneas de abordagem.

Segundo Leão (2012), as discussões acerca da sexualidade têm se intensificado somente a partir das primeiras décadas do século XIX, apesar de ser um fenômeno anterior ao surgimento do ser humano.

De acordo com Louro (1999, p. 5):

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções.

Todos vivemos nossos corpos, mas a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, sendo definida pelas questões biológicas e culturais. O mundo em que esse indivíduo se insere e as relações travadas e produzidas em

seu meio, como crenças e poder, serão fatores norteadores no modo de o homem ou a mulher se apresentar ao mundo.

Para Maia (2009), a forma como nos expressarmos e o modo como nos posicionamos de certa maneira são caminhos para se obter prazer, isto é, a sexualidade vai muito além dos órgãos genitais; seu conceito se relaciona às expressões de afeto entre as pessoas e seus comportamentos sexuais, ao seu posicionamento, aos valores culturais e históricos.

A sexualidade está presente em todos nós! Todo ser humano vive e cresce desenvolvendo sua sexualidade a partir das mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento: o crescimento e amadurecimento do corpo físico, as práticas sexuais e reprodutivas, a orientação sexual e o erotismo, os vínculos amorosos, entre outras mudanças. Certamente, o que somos hoje, em relação à expressão da nossa sexualidade, é bem diferente do que fomos quando crianças e do que seremos no final da vida (Maia, 2014, p. 1).

A sexualidade, ainda que reprimida em nossa sociedade, é apenas mais um dos desenvolvimentos humanos, assim como o físico e o cognitivo, sendo necessária a atenção de pais e educadores, pois, independentemente de termos relações sexuais ou não, somos todos dotados de sexualidade.

O educador, interligado à família e à escola, é norteador de conhecimento, direcionando cultura, valores e comportamentos de forma adequada para cada fase no desenvolvimento da criança, sendo a infância o início desse contato, mesmo mediante um assunto ainda tabu.

Giachini & Leão (2016) contribuíram descrevendo a utilização do brinquedo e da brincadeira e sua importância no cotidiano da Educação Infantil, sendo nessa fase o processo de construção de identidade de gênero mais incisivo.

Geralmente as atitudes sexistas se fazem presentes nessas instituições, como por exemplo, não permitir que a menina brinque com carrinho e o menino brinque com bonecas. Existe a preocupação da menina se masculinizar e o menino, por sua vez, se feminilizar.

[...]

A todo momento o educador deve se vigiar para não cair no erro de controlar e cercar as brincadeiras das crianças, geralmente ele o faz de forma despercebida. Aliás, vale frisar que devem possibilitar que elas tenham acesso a todos os brinquedos, uma vez que não são definidores da orientação do desejo sexual (Giachini & Leão, 2016, p. 1.416).

Diversos estudiosos afirmam que conceito de sexualidade é bem amplo. Ariès (1981) nos apresenta comportamentos sexuais de Luís XIII com seus 7 anos de idade se divertindo

com outras crianças em brincadeiras sexuais nas quais mostravam seus órgãos genitais e, curiosos, desejavam ver outros corpos e tocá-los. Nesse momento não havia repressão a comportamentos tidos como orgânicos.

A sexualidade nos exige saber sobre nós mesmos e sobre todo o mistério do corpo; como o tratamos – de forma adequada ou irresponsável – faz parte das possibilidades e dos caminhos de nossa existência (Freire, 1999). Ela se faz presente em todos os seres humanos, e não estamos falando de reprodução, mas daquilo que nos traz prazer (como nos comportamos, do que gostamos, a nossa cultura), fazendo-se necessário gerar diálogos entre pares sobre sexualidade, para que se fuja da educação “bancária” como Freire (1987), o educador, denomina a educação na qual emite-se “comunicados” ao invés de comunicar-se efetivamente, transformando os alunos em depósitos de comunicados e repetição.

Ao longo do percurso humano, constrói-se o sentido da sexualidade direcionado pela cultura, história e socialização. Mesmo assim, a socialização primária é necessária para construção de nossos valores sexuais e é na infância que ocorre esse momento vital. Aprendemos sobre manifestações sexuais na adolescência, na vida adulta e no envelhecimento, na forma como vivemos nossa sexualidade, de forma prazerosa e satisfatória ou não (Maia, 2014).

Em 1905, Sigmund Freud foi pioneiro ao discutir o fato de as crianças serem dotadas de desejos, prazeres e curiosidades e defendeu que tratá-las como assexuadas não se justificava, sendo para ele necessária educação sexual para todas, não devendo-se confundir esta com a expressão da sexualidade adulta (Maia, 2014).

Sabe-se que a criança pequena vivencia o prazer erógeno através do contato da boca com objetos, no ato de mamar, de chuchar e no momento de defecar. Esses comportamentos primitivos vão se modificando ao longo do seu desenvolvimento; o adulto elabora essas relações na presença desses comportamentos sexuais na infância pelas suas dificuldades e na forma como foi educado sexualmente.

Maia (2014) sublinha como sons, cheiros, sensações táteis, emoções de afeto e aconchego são importantes expressões de sexualidade após o nascimento, percorrendo pelo erotismo infantil a partir dos 2 anos de idade pelo controle esfínteriano e exposição do corpo da criança, chegando à masturbação infantil nos 4 anos de idade. A criança descobre que tocar seu genitais dá prazer, o que muitas vezes ocorre em público e pode chocar, pois ela ainda não assumiu as regras sociais.

Os comportamentos presentes também nos jogos sexuais em que as crianças se juntam para falar, ver e mostrar seu corpo umas para as outras, ou apenas brincar de médico, luta,

pega-pega, dança, cócegas, olhares etc. são brincadeiras saudáveis que favorecem a identidade, aumentando a autoestima e gerando sensações prazerosas que serão substituídas por outras de acordo com o crescimento.

Aos 8 anos, quando em geral dividem-se para as brincadeiras, separando meninos de meninas e iniciando assim as representações das regras sociais, o adulto pode participar com orientações de higiene, evitando riscos com crianças maiores, dando noções de público e privado e respeito ao outro. Mediante as necessidades de resposta às regras sociais se faz necessário, nesse momento, direcionar adequadamente alguma manifestação sexual, explicando que o corpo traz sensações prazerosas, mas que existe lugar apropriado e momentos em que isso pode ser feito. Cabe a nós o direcionamento, de forma adequada e clara, com a devida atenção na maneira de colocar, pois essas informações serão essenciais para as próximas etapas de sua vida (Leão, 2009).

Para Figueiró (2013) citado por Rapatão (2015), não é necessário ter grandes qualificações culturais para agir de forma positiva e tranquila diante da dificuldade de responder às perguntas feitas pela criança quanto à sexualidade. Dizer que não sabe naquele momento e chamar a criança em um outro momento oportuno não tão distante ofertando a ela a solução para seus questionamentos é uma maneira que pais e educadores podem explorar, usando oportunidades para levar ensinamentos sobre sexualidade, mesmo que ela não pergunte diretamente, pois com os avanços da mídia várias informações chegarão às crianças e devemos estar atentos para essa realidade.

Maia (2014) descreve que a sexualidade na infância está presente na curiosidade e nos questionamentos, na exploração dos corpos, na percepção das diferenças. O erotismo infantil é marcado pelo diálogo, pela masturbação, pelos jogos e pelas brincadeiras sexuais, delimitando essa fase pela exploração do seu corpo e do outro, sem sofrer nesse momento influência das regras sociais que ela desconhece.

Louro (1999) afirma que os corpos ganham sentido socialmente, de acordo com a cultura. A inscrição do gênero feminino ou masculino nos corpos é a marca dessa cultura, as possibilidades de sexualidade e suas formas de expressar desejos e prazeres também são estabelecidas e codificadas. Portanto, as identidades de gênero e sexuais são, compõem-se e se definem pelas relações sociais entrelaçadas a redes de poder em uma sociedade.

Leão (2012, p. 43) elucida que os conceitos de gênero surgiram “Como tentativa das feministas de dar respostas às desigualdades existentes entre homens e mulheres, as quais se pautavam pelo determinismo biológico”. Dessa forma, entende-se gênero como construção

social, histórica e cultural, diferenciando-se homens e mulheres sexualmente e através de poderes presentes na sociedade de forma desigual.

Para Pelúcio (2014) citado por Gianchini & Leão (2016), gênero é um conceito que permeia e organiza a vida social, nascendo dos estudos feministas, sistematizando as teorias e as políticas, questionando o comportamento opressivo ao feminino como algo natural.

Ressalta-se aspectos relacionais entre homens e mulheres dos quais o gênero se utiliza, sugerindo informações sobre homens ou mulheres, como um sendo necessário ao outro, sendo um parte do outro, deixando de lado o pensamento de esferas diferentes, cuja experiência de um sexo tenha alguma coisa a ver com o outro sexo ou não propriamente (Scoot, 1990).

Para Costa (1994, p. 161), “Os gêneros passam a ser entendidos como processos também moldados por escolhas individuais e por pressões situacionais compreensíveis somente no contexto da interação social”. O contexto em que o indivíduo está inserido será determinante para a comunicação existente entre homens e mulheres com o mundo.

Gianchini & Leão (2016, p. 1.413) reforçam: “As identidades de gênero não estão prontas ou acabadas em determinado momento, estão sempre se constituindo a partir de múltiplos discursos que normalizam, regulam e instauram saberes que produzem verdades”. A maneira de se comportar em uma determinada sociedade vai interferir no comportamento do indivíduo que está cercado por relações de poder, crenças e etnias.

Os mesmos apontamentos podem ser aplicados ao sentido de infância, sofrendo modificações e determinando pessoas de acordo com o gênero. A concepção de criança é um conceito historicamente construído e passou por várias formas de representações para chegar à percepção da infância dos nossos dias (Ariès, 1981), demonstrando assim que essas modificações não estão acabadas e podem ainda sofrer novas transformações ao longo do tempo.

A maneira como meninas e meninos vão se expressar quanto às relações de gênero em um determinado ambiente será fundamental para posicionamentos de respeito livres de preconceitos no que desejam (Souza & Leão, 2018) e a escola é norteadora desse posicionamento, proporciona possibilidades de desconstrução de tabus e preconceitos sexistas (Leão & Ribeiro, 2011).

A criança interage com o outro na sala de aula, sendo esse espaço privilegiado na construção da educação sexual. Devemos, por isso, direcioná-los para o respeito às diferenças sexuais, de gênero, de raça e etnia, de crenças religiosas e classe social.

3.3 EDUCAÇÃO SEXUAL, GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MAPEAMENTO DE ALGUNS ESTUDOS

Em buscas realizadas em janeiro de 2019 no Repositório Institucional da Unesp, base de dados específica para o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, selecionamos algumas dissertações que representam estudos referentes a gênero, formação docente e Educação Infantil nos anos de 2013 a 2018, data base inicial ao período de início do programa de Pós- Graduação em Educação Sexual na modalidade profissional examinando trabalhos que fazem referência a posicionamentos de gênero e formação do educador na Educação Infantil e objetivando entender quais as posturas existentes em relação ao preparo do educador no ambiente acadêmico ou de forma continuada documentadas pelos alunos do programa.

No quadro abaixo, descrevemos as pesquisas de mestrado selecionadas seguidas dos respectivos posicionamentos de cada uma delas.

Quadro 3 – Elementos de análise

Título	Autor(a)	Palavras-chave	Ano de defesa
<u>Dissertação 1</u> <i>Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes</i>	Ruis, Fernanda Ferrari	Educação sexual Relações de gênero Infância Professores Formação Educação de crianças	2015
<u>Dissertação 2</u> <i>A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores</i>	Zocca, Adriana Rodrigues	Educação sexual Escolas Diretores escolares	2015
<u>Dissertação 3</u> <i>Cursos de formação em educação sexual que empregam as tecnologias digitais</i>	Ferreira, Gabriella Rossetti	Educação sexual Tecnologia Ensino a distância	2015
<u>Dissertação 4</u> <i>Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba – PA</i>	Rodrigues, Suellen Silva	Formação Sexualidade Professor Profissionais de saúde	2017
<u>Dissertação 5</u> <i>Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil</i>	Borges, Rita de Cassia Vieira	Educação em sexualidade Sexualidade e gênero Ensino infantil	2017
<u>Dissertação 6</u> <i>Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual</i>	Argenti, Paula Camila	Educação sexual Sexualidade Gênero Formação docente	2018

Dissertação 7 <i>Concepções sobre sexualidade de professores e funcionários que atuam em uma escola municipal de educação básica</i>	Inácio, Clesiomar Antônio dos Santos	Educação sexual Sexualidade Educação básica	2018
---	---	---	------

A dissertação 1, *Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*, aponta reflexões de gênero de forma histórica, cultural e social, investigando representações de gênero expressadas por meninas e meninos, professores e professoras no dia a dia na escola de Educação Infantil de forma qualitativa em duas turmas de alunos entre 4 e 6 anos e seus respectivos professores responsáveis. A coleta de dados dividiu-se em três fases, observando o ambiente escolar, sua organização, funcionamento e as práticas adotadas pelos docentes e interações com as turmas. Utilizou-se a ludicidade para verificar gênero quanto às suas representações e relações demonstradas por meninos e meninas, além da entrevista semiestruturada e da análise de fundamentos e conhecimentos dos docentes em relação aos conceitos de gênero e como eles trabalham essas relações expressadas pelas crianças, realizando análise de conteúdo. Revelam-se diferentes modos de ser menino e menina, professor e professora, em suas interações no ambiente escolar. Ultrapassando o que se esperava para padrões masculinos e femininos, a pesquisa aponta lacunas na formação docente em relação a gênero, diversidade sexual, sexualidade e educação sexual. A autora acredita que a pesquisa traz contribuições para os professores e professoras em relação às suas práticas educativas, olhando para a criança de forma diferenciada, de acordo com suas necessidades, respeitando diferenças e preferências (Ruis, 2015).

A dissertação 2, *A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores*, discute as entrelinhas incutidas na visão dos gestores municipais e na educação sexual, e como o termo é tratado de acordo com suas definições, seus papéis de acordo com os PCNs e as dificuldades encontradas para trabalhar esse tema, mostrando as funções dos gestores e correlacionando-as à educação sexual. A autora sugere reflexões sobre o problema no ambiente, sua importância social e sua opinião acerca da educação sexual (Zocca, 2015).

A dissertação 3, *Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais*, traz necessidades de mudança na formação dos professores em relação à educação sexual, sendo necessárias discussões e mudanças no âmbito escolar, além de capacitação em sua formação para enfrentar desafios em relação à educação sexual. Tais necessidades se apresentam à educação a distância (EAD) com uso de tecnologias digitais com cursos a distância para sanar as lacunas da falta dessa formação. Aplica questionário para análise dos cursos a distância em educação sexual, com grande relevância para expandir os

conteúdos em diversos estados brasileiros. A pesquisa, porém, aponta para a necessária continuidade e acompanhamento para uma observação mais efetiva a longo prazo que aponte a carência de formação inicial aos educadores, abordando temas de educação sexual. Sinaliza também que este tipo de formação não exclui a deficiência da formação inicial, na qual o discente já deve ter tido contato com disciplinas que abordem conteúdos relativos à educação sexual (Ferreira, 2015).

A dissertação 4, *Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba – PA*, lembra-nos que a formação do professor é fundamental para um trabalho de forma sistemática, contínua e formal de educação sexual na escola e na saúde, sendo necessária a formação inicial e continuada do profissional, apontando como incompletos os cursos de graduação que não disponibilizam em seus currículos os temas gênero, sexualidade e diversidade sexual, formando professores não aptos nessas discussões, uma vez que podem ser abordados no contexto escolar, cabendo esse posicionamento na saúde também, sendo imprescindível essa formação. A pesquisa objetiva ater-se às demandas dos profissionais de educação e saúde em relação à sexualidade e à educação sexual e a partir delas elaborar e implementar intervenções sobre o tema, com o acompanhamento desses projetos. Utilizou-se a pesquisa-ação qualitativa, com a participação de profissionais de educação e saúde (psicólogo) por meio de questionário de perguntas abertas. Através dos levantamentos foram implementadas intervenções para assessorar os profissionais em sexualidade com oficinas sobre as seguintes temáticas: história da sexualidade, diferença entre sexualidade e sexo, relação de gênero, gravidez na adolescência, prevenção de doenças DST, HIV e Aids, diversidade sexual, direitos sexuais e reprodutivos e violência sexual, sendo notória a contribuição que a formação trouxe em sua prática profissional, apontando para a necessidade de crescimento de cursos contínuos em ambas as áreas (Rodrigues, 2017).

A dissertação 5, *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil*, investiga concepções de professores e funcionários do ensino infantil sobre sexo, sexualidade e educação em sexualidade em relação ao trabalho pedagógico frente às manifestações de sexualidade dos alunos e alunas em um centro infantil do interior do estado de São Paulo com crianças entre 4 meses e 3 anos e 11 meses de idade de classe média baixa, por observação *in loco*. Inicia-se pela prática dos cuidados diários e a linguagem utilizada por eles e com as crianças, seguidas de entrevista semiestruturada com questões abertas gravadas e transcritas, agregando-se dados quantitativos quando possível. No tocante ao gênero, como forma de significado de relações de poder com início na infância,

compreendendo a centralidade da escola na socialização de meninos e meninas, pela transversalidade dos temas sexualidade, gênero e violência, optou-se por uma pesquisa por proximidade entre os profissionais, crianças e família e pela cooperação desses em ações promotoras de crenças e valores nas relações sociais (Borges, 2017).

A dissertação 6, intitulada *Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual*, busca demonstrar como a sexualidade é construída juntamente com o desenvolvimento humano, presente em nossa vida desde o nascimento até a morte, levando-nos a concepções que são construídas culturalmente e reproduzidas pelos espaços sociais igreja, família, escola e outros que trazem influência ao indivíduo em formação. A escola é o espaço essencial às questões de sexualidade e diversidade, gerando a pesquisa bibliográfica e objetivando levantar como sexualidade, educação sexual e relação de gênero são pautadas na diversidade das produções científicas da Pós-Graduação em Educação Sexual na Unesp de Araraquara. No tocante aos envolvidos em educação formal ou informal, a pesquisa possibilitou observar os pontos em relação às análises das concepções de educadores acerca da temática sexualidade, educação sexual e gênero, constatando lacunas presentes na formação docente inicial e continuada, demonstrando poucos estudos que além de apontar as concepções dos educadores possibilitem intervenções no universo investigado, sendo o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual importante contribuição (Argenti, 2018).

A dissertação 7, *Concepções sobre sexualidade de professores e funcionários que atuam em uma escola municipal de educação básica*, avança que na educação básica recebe-se uma imensa diversidade cultural, sendo esta etapa agente de formação e constituição do homem e cenário fascinante para compreender como a sexualidade vem influenciando na cultura e no comportamento das crianças com idade escolar. A escolha do tema sexualidade humana e ambiente escolar propiciou à pesquisa investigar as concepções de professores e funcionários em relação à sexualidade e à manifestação desta pelos alunos, utilizando a investigação qualitativa e descrevendo a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais de 9 funcionários e 13 professores de uma escola de educação básica através de questionário estruturado com análise exploratória e agrupadas por categorias temáticas. Os dados apontam conceitos arraigados, tradicionalmente passados com desconhecimento, preconceitos, medos, inseguranças. Não obstante a mídia exerça chamamento intenso sobre sexualidade e apontadas as necessidades do muito a ser feito para que a educação aconteça nesse ambiente, demonstrou-se o quanto é necessária uma intervenção sistematizada, sendo a discussão ampliada para as famílias e somente no final

com os alunos. A educação sexual é muito mais abrangente do que demonstram as concepções banalizadoras de senso comum, ainda que no ambiente escolar, podendo apresentar resultados significativos (Inácio, 2018).

Na análise de todos os documentos selecionados, observamos a presença de poucos, mas de significativos estudos em relação a gênero, formação do educador na Educação Infantil, em que as dificuldades de compreender gênero nas atividades do dia a dia no ambiente educacional são enfrentadas, trazendo consigo comportamentos pessoais de acordo com o ambiente em que vivem e representações culturais.

Notamos lacunas importantes em relação à ausência na formação inicial ou continuada da educação sexual ou mesmo propostas de continuidade para os educadores perante os enfrentamentos vivenciados no cotidiano escolar, sendo urgentes mudanças no currículo atual, na formação inicial ou continuada, além da possibilidade de seguimento com orientações posteriores.

Poucos estudos trouxeram possibilidades de mudanças de comportamentos por meio de intervenções como suporte para contribuir e impactar esse aprendizado, através de atividades lúdicas, jogos, livros, brinquedos, brincadeiras e oficinas como estratégias educacionais para a equipe, sendo essa observação norteadora para estudos posteriores como maneira estratégica de transformação de comportamento e inovação para direcionamentos de aprendizado.

De acordo com Camilo & Perez (2019, p. 3):

Ainda há muito o que se refletir sobre o desenvolvimento das políticas educacionais e suas consequências no sistema de ensino que de alguma forma representa a desigualdade de gênero ainda não desenvolvida.

O educador está envolvido em todas as questões de sexualidade de seus alunos juntamente com a família, sendo fundamental juntos levar ao ambiente educacional o necessário a orientá-los em cada fase na educação. O educador é um grande influenciador no que se diz respeito aos comportamentos e, mesmo diante a ausência de orientações prévias em sua formação acadêmica, enfrenta em seu dia a dia todo comportamento sexual normal para cada fase (Camilo & Perez, 2019).

As referidas autoras acrescentam:

[...] O processo de formação inicial e continuada se encontram desfasados, pois observamos ausência das abordagens na formação e continuidade em

relação a educação sexual e gênero, lacunas essas presentes prejudicando o desenvolvimento do trabalho docente em suas práticas diárias.

Se faz necessário trazer conhecimento ao educador em sua formação inicial para direcionamentos adequados quanto a sexualidade e gênero para que esse conhecimento seja direcionado ao educando, apontando a necessidade de ofertas de cursos de formação continuada uma vez que a orientação adequada não ocorreu em processo de formação, sendo assim esse momento de busca de conhecimento qualificado desconstruindo comportamentos inapropriados e possíveis desigualdades de gênero (Camilo & Perez, 2019, p. 14-15).

Se faz necessário ao educador estar capacitado para enfrentar as diversas situações presentes no dia a dia na Educação Infantil, estando o preparo e conhecimento a respeito de sexualidade e gênero envolvidos em sua construção pedagógica.

4 RESULTADOS

Demonstraremos nesta seção os dados coletados analisados e interpretados por meio do questionário, sendo elencadas categorias fundamentadas na análise de conteúdo de Bardin (2016). Esta técnica de pesquisa valida a inferência de dados para procedimentos de forma científica, gerando nova visão a partir desses dados.

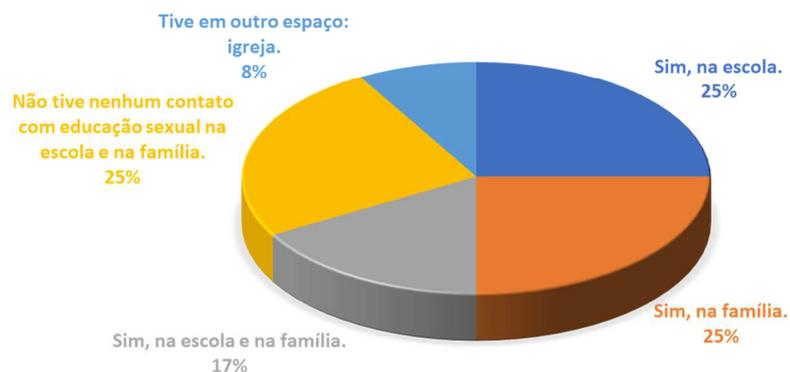
4.1 EDUCAÇÃO SEXUAL, INFÂNCIA E GÊNERO: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO INICIAL DOS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A coleta dos dados através do questionário foi realizada no mês de setembro de 2018, data do nosso primeiro encontro, com explicação da natureza da pesquisa e seus objetivos, sem intervenção quanto às respostas pelo mediador, sendo aplicado em 12 educadores pertencentes à rede de Educação Infantil de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Figura 18 – Questões pessoais e formativas 1

QUESTÕES PESSOAIS E FORMATIVAS

Você já teve algum contato com educação sexual em sua vida escolar ou familiar? Se sim, quais são suas recordações?



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 18 aponta que obtivemos: 25% para 'Sim – na escola'; 25% para 'Sim – na família'; 25% para 'Não tive nenhum contato com educação sexual na escola e na família'; 17% 'Na escola e na família'; e 8% 'Tive em outro espaço – igreja'.

Os educadores nos trazem posicionamentos em relação à educação sexual: as opções que remetem a algum contato sobre o assunto são escolha da maioria, sendo poucos os

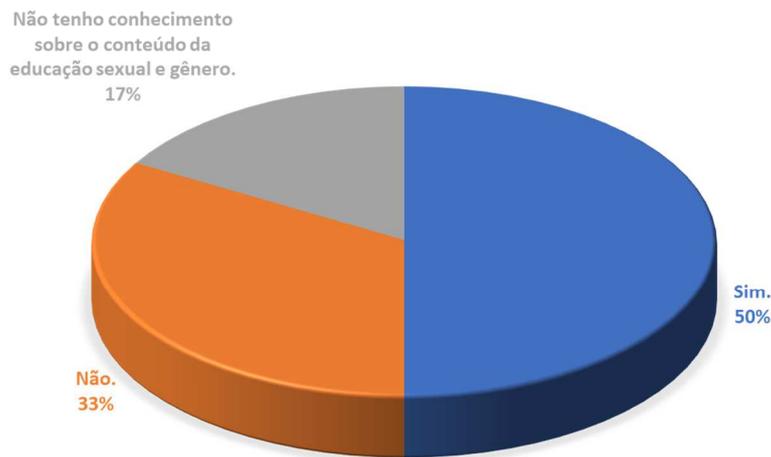
educadores entrevistados que disseram nunca ter tido contato com o tema, demonstrando, no entanto, a necessidade de trazer orientações adequadas para esse momento educacional.

Esses posicionamentos podem estar ligados ao tipo de orientação que receberam em forma de negação quanto à importância de ter conhecimento sobre a educação sexual, de forma relevante e necessária à formação educacional e no âmbito familiar e escolar, sendo o silenciamento à sexualidade, a negação da formação e a perpetuação da sexualidade como velamento a ser evitado nas relações sociais.

Figura 19 – Questões pessoais e formativas 2

QUESTÕES PESSOAIS E FORMATIVAS

Como educador(a), você acha que a educação sexual e o gênero devem fazer parte dos conteúdos escolares da Educação Básica?



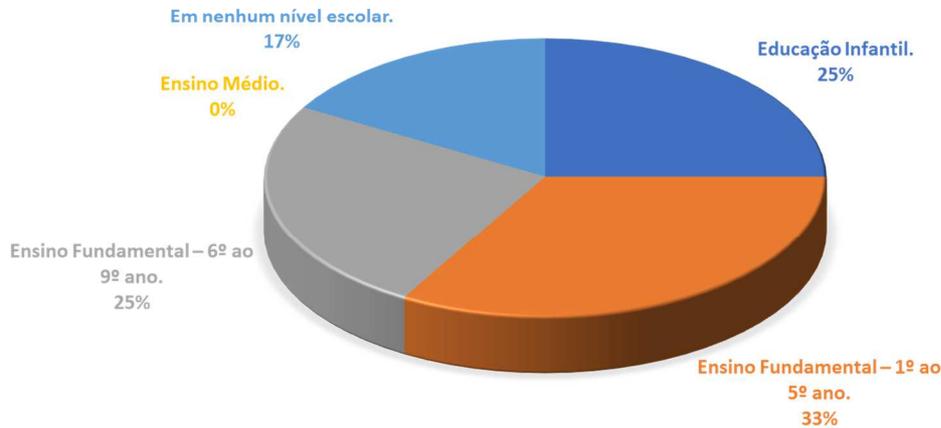
Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 19 mostra 50% das respostas ‘Sim’ quando perguntados se os educadores acham que educação sexual e de gênero deve fazer parte dos conteúdos escolares da educação básica; 33% responderam ‘Não’, denotando que parte desses educadores acredita que educação sexual e de gênero não deve fazer parte dos conteúdos escolares; outros 17% disseram não ter conhecimento sobre o conteúdo, o que demonstra que ao mesmo tempo em que acham necessário o conteúdo de educação sexual e gênero ser abordado na Educação Infantil um percentual significativo dos educadores não possui conhecimento sobre o assunto a ser abordado.

Figura 20 – Questões pessoais e formativas 3

QUESTÕES PESSOAIS E FORMATIVAS

Sendo a orientação sexual um dos conteúdos transversais já sinalizados nos PCNs, quando você considera ser importante o início da educação sexual no ambiente escolar?



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 20 mostra que 33% acreditam ser do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental o momento ideal para ensinar sexualidade; 25%, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; 25%, na Educação Infantil; 17%, em nenhum nível escolar; e 0% no Ensino Médio. Nosso grupo de pesquisa sugere que a educação sexual e o gênero devem fazer parte dos conteúdos escolares na educação básica, e observa-se dificuldades encontradas por eles em se posicionar sobre em que momento específico essa orientação deve acontecer.

Faz-se necessária uma construção entre todos aqueles que estejam envolvidos na prestação de serviços educacionais em relação à geração de conhecimento:

[...] Parece proveitosa a noção de “currículo em ação”, que remete à pluralidade de situações formais ou informais de aprendizagem, geralmente sob a responsabilidade da escola, vivenciadas por estudantes (e também docentes, dirigentes e funcionários/as), que podem ou não ser planejadas e, ainda, ocorrer dentro ou fora da sala de aula (Junqueira, 2010, p. 1).

Figura 21 – Questões pessoais e formativas 4



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 21 aponta que 92% dos educadores não recebeu orientação de educação sexual e gênero no ambiente acadêmico e que 8% recebeu orientação, pois procurou curso específico para o assunto. Evidências nos direcionam a observar que, mesmo não tendo sido ofertadas no ambiente de formação inicial do educador orientações em relação à educação sexual e gênero, estes vivenciam em suas rotinas diárias comportamentos comuns para cada idade e desenvolvimento da criança em relação à sexualidade.

É preciso que haja diálogos sobre sexualidade através dos nossos educadores direcionando adequadamente posicionamentos e conhecimentos para que não tenhamos uma educação “bancária”; deve-se atentar para o saber, afinal não queremos que o aluno ocupe apenas o lugar de depósitos educacionais, como sintetiza Freire (1996, p. 57):

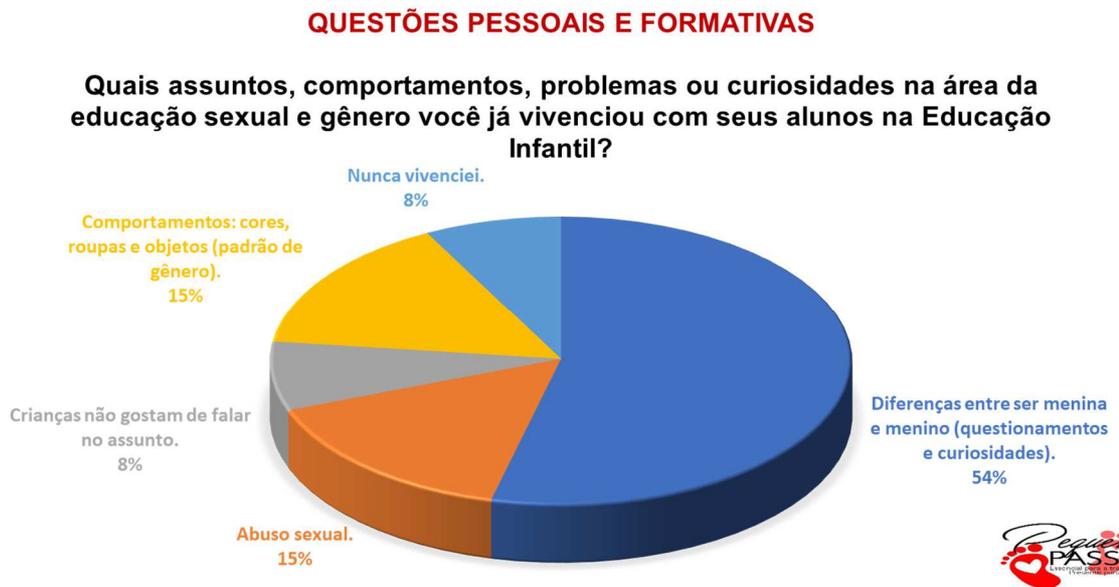
Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Os educadores evidenciam a falta de formação no ambiente acadêmico, sendo necessário improvisar orientações sem qualquer tipo de preparo pedagógico, como adverte Figueiró (2004). A autora demonstra que os educadores de forma geral agem diante dos comportamentos que consideram inadequados e conseguem um melhor desvelamento mediante atitudes e comportamentos não tão exagerados, evidenciando que ocorrem, sim,

comportamentos sexuais na escola e o quanto a capacitação do educador que não a recebeu de nenhuma forma no ambiente acadêmico ou magistério orientação específica é necessária.

É urgente que sejam ofertadas no ambiente acadêmico disciplinas na área de sexualidade aos educadores, além da criação de cursos de educação continuada para que se possa suprir toda a demanda da formação acadêmica, direcionando o educador no trabalho pedagógico de orientação sexual.

Figura 22 – Questões pessoais e formativas 5



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 22 informa que 54% vivenciou assuntos em relação a curiosidade entre as diferenças de meninos e meninas; 8% nunca vivenciou nenhuma situação; 15% já vivenciou em seu cotidiano situações em relação aos padrões de gênero nos comportamentos, cores, roupas e objetos; 8% referem que as crianças não gostam de falar no assunto; 15% relatam ter vivenciado situações relacionadas ao abuso sexual.

Leão (2009) salienta que os comportamentos sexuais das crianças irão repercutir em suas condutas na vida adulta, sendo necessário levar ao seu conhecimento informações acerca da sexualidade claras, corretas, livres de mitos, preconceitos e vulgarizações presentes na sociedade em que ela está inserida, além de ser a infância momento propício para apropriação significativa de cultura.

Leão, Ribeiro & Bedin (2010) realçam o importante papel do educador no trabalho em educação sexual na escola em análise do PCN. Faz-se necessário o reconhecimento dos comportamentos acerca da sexualidade, sendo esta parte do processo de desenvolvimento de

crianças e jovens, cabendo a esse educador o envolvimento e a disponibilidade sobre as questões referentes à sexualidade, em busca de informações adequadas que tragam esclarecimentos e estejam livres de crenças e tabus, de forma democrática e plural. Reforçam ainda que o crescimento profissional pode ser atingido através de formação contínua dos educadores de forma gradativa e auxiliar nas práticas pedagógicas na sala de aula e ambiente escolar e para a vida do profissional.

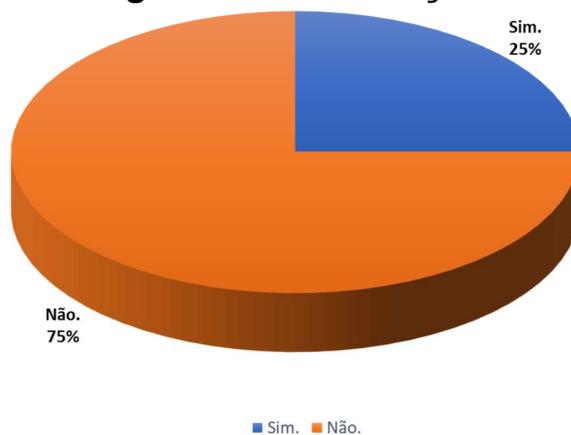
Pereira (2007, p. 88) afirma que:

[...] Em termos de formação continuada de professores, enquanto não se romper com a lógica que se baseia exclusivamente na realização de cursos de atualização, “reciclagem” (sic), capacitação, entre outros, o impacto dessa formação sobre a escola e/ou a sala de aula, provavelmente não será muito significativa.

Figura 23 – Questões pessoais e formativas 6

QUESTÕES PESSOAIS E FORMATIVAS

Você se sente preparado(a) para trabalhar com educação sexual e gênero na Educação Infantil?



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 23 retrata que 75% dos educadores não se sentem preparados para abordagem do assunto educação sexual e gênero; e 25% sim, percebem-se preparados para abordar o assunto na Educação Infantil.

Nossos educadores não se sentem preparados em trabalhar com educação sexual e gênero na Educação Infantil e nos apresentam diversas dúvidas vivenciadas em seu dia a dia, direcionando-nos a pensar como guiar cada situação vivida por eles em sua jornada educativa.

Para entender todo esse universo que envolve a sexualidade, Araújo (1999) reconhece que a sexualidade foi construída historicamente através do conhecimento do passado e que sua contextualização se faz necessária para compreender o presente.

Paulo Freire (1999, p. 52) firma a importância de potencializar os indivíduos para que haja uma formação plena: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Para que isso seja uma realidade, é necessário buscar conhecimento, enfrentamentos e entendimento do que precisamos e desejamos transmitir na Educação Infantil, além da procura intencional desse espaço, pois a educação é uma forma de intervenção no mundo (Freire, 1999).

A escola promove cidadania, quando expõe informações sobre sexualidade e possibilita reflexão crítica (Ribeiro, 1999).

Figura 24 – Questões pessoais e formativas 7

QUESTÕES PESSOAIS E FORMATIVAS



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A figura 24 registra que 46% dos educadores entrevistados gostariam de saber como abordar o assunto na Educação Infantil; 16% acham que esse tema deve ser abordado pelas famílias; 15% descrevem que faltam reações em algumas situações cotidianas, mostrando assim a falta de conhecimento para direcionar a situação vivenciada; 15% não acham necessário ensinar para a criança o que ela desconhece; 8% gostariam de saber mais sobre questões psicológicas que envolvem o assunto sexualidade.

A ausência nos cursos de formação em magistério e pedagogia de disciplinas sobre sexualidade e educação ocorre também na Espanha como mostra estudo no qual os

educadores recorrem a profissionais específicos, como enfermeiros, psicólogos e médicos, para auxílio visto que esses profissionais foram qualificados continuamente em especializações e capacitações e os educadores daquele país também não receberam esse preparo no ambiente acadêmico. De maneira semelhante à nossa, sem instrução inicial nem contínua, os educadores têm dificultado e comprometido seu próprio trabalho de orientação sexual na escola (Maia, Heredero & Ribeiro, 2009).

Louro (2007) sublinha a grande necessidade de organizar trabalhos na formação de educadores em educação sexual, diante das tensões que se vive em torno da sexualidade e dos preconceitos declarados aos indivíduos que não se comportam de forma padrão ou heterossexual.

Maia, Heredero & Ribeiro (2009) declaram que a sexualidade enquanto disciplina independente que seja aplicada à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental, ao Ensino Médio ou ao Ensino Superior deve ser baseada em referencial teórico, conceituando sexualidade de forma ampla, com enfoque cultural e histórico, estudando comportamentos, valores e normas diversas que regulam as práticas sexuais.

Todas as mudanças ocorridas na sociedade, envolvendo o processo de globalização, apresentam ao ambiente escolar situações complexas em que se fazem necessárias habilidades por parte dos profissionais, sendo o ambiente escolar a plataforma adequada para a formação continuada, o desenvolvimento e a discussão de todas essas transformações.

4.2 A MATERIALIDADE DA PESQUISA-AÇÃO: PROJETO PEQUENOS PASSOS

Durante toda a pesquisa, houve a necessidade de pensar a capacitação dos educadores diante das lacunas que nos foram apontadas por eles, as quais não foram ofertadas em sua formação ou em nenhum tipo de educação continuada. Foi dessa demanda que surgiu o Projeto Pequenos Passos, com o objetivo de trabalhar a sede de conhecimento de educadores na temática sexualidade, gênero e educação sexual, com ideia de continuidade para as demais faixas etárias na Educação Infantil.

Nesta subseção descrevemos como se deu o processo de formação dos educadores, os materiais que foram trabalhados na formação continuada, cuja ideia vem ao encontro de nos formarmos também no que se diz respeito à construção de conhecimentos mútuos, como nos desdobramos durante todo o processo de capacitação dos educadores, o retorno de cada participante e o papel significativo de ação também em nossa formação.

A escolha do nome e *slogan* (Pequenos Passos – Essencial para a transformação. Presente para a vida) com a imagem de pequenos pés tem uma explicação: consideramos a ligação que existe entre o início do caminhar da criança e a necessidade de crescimento dos educadores na temática, seguindo o percurso passo a passo, um pé adiante do outro carregado de simbolismo, semelhanças e, para nós, substância. Uma frase conhecida de Platão resume nosso intuito e fim: “Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo”.

O símbolo, dois pés, remete-nos ainda à intensidade do primeiro caminhar, do despertar da liberdade e assim em nosso projeto pretendemos direcionar sexualidade, gênero e educação sexual.

No primeiro encontro foi aplicado o questionário, realizada apresentação da proposta e toda a trajetória que seria percorrida. Realizou-se o convite para todos os educadores e a entrega de um pequeno “mimo”: pequenas pegadas de chocolate nas cores do nosso projeto, sem diferenciação de gênero.

Figura 25 – Convite de chocolate entregue aos presentes



Fonte: Arquivo pessoal (2018). Figura 26 – Detalhe do convite-símbolo do projeto



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 27 – Pegadas de chocolate nas cores do projeto



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

A apresentação de todo o conteúdo teórico se fez necessária, assim como a divisão por temas para melhor entendimento dos educadores: infância; sexualidade; educação sexual; gênero; atividades práticas.

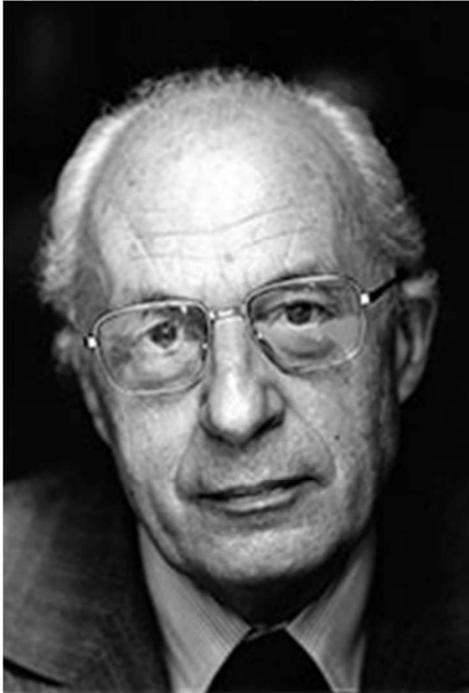
No segundo encontro, foi apresentada aos educadores a análise do questionário, expondo gráficos e realizando comentários e ilustrações sobre cada pergunta contida nele. Após, iniciamos a apresentação teórica através de *slides*.

4.2.1 Infância e Ausência do Sentimento de Infância

Abrimos a discussão conceituando infância e propondo reflexões sobre ausência do sentimento de infância, descoberta do sentimento de infância, infância no Brasil, século XX e mudanças tecnológicas e culturais, trazendo autores como Philippe Ariès, Louro, entre outros e uma enorme bagagem da psicologia histórico-cultural.

O conhecimento em relação ao sentido da infância e as mudanças ocorridas na Idade Média foram centrais para a discussão. Lembramos como foram construídas com a modernidade determinadas noções sociais e que todas as pessoas passam pelo desenvolvimento da criança até a fase adulta, podendo passar ainda pela ausência do sentimento de infância nesse período.

Figura 28 – Infância, por Philippe Ariès



INFÂNCIA

HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA

Philippe Ariès nasceu em 24 de junho de 1914 na França e é considerado pela crítica como um dos maiores historiadores contemporâneos no campo do estudo de comportamento e atitudes humanas, com destaque para a história da infância e da família moderna.

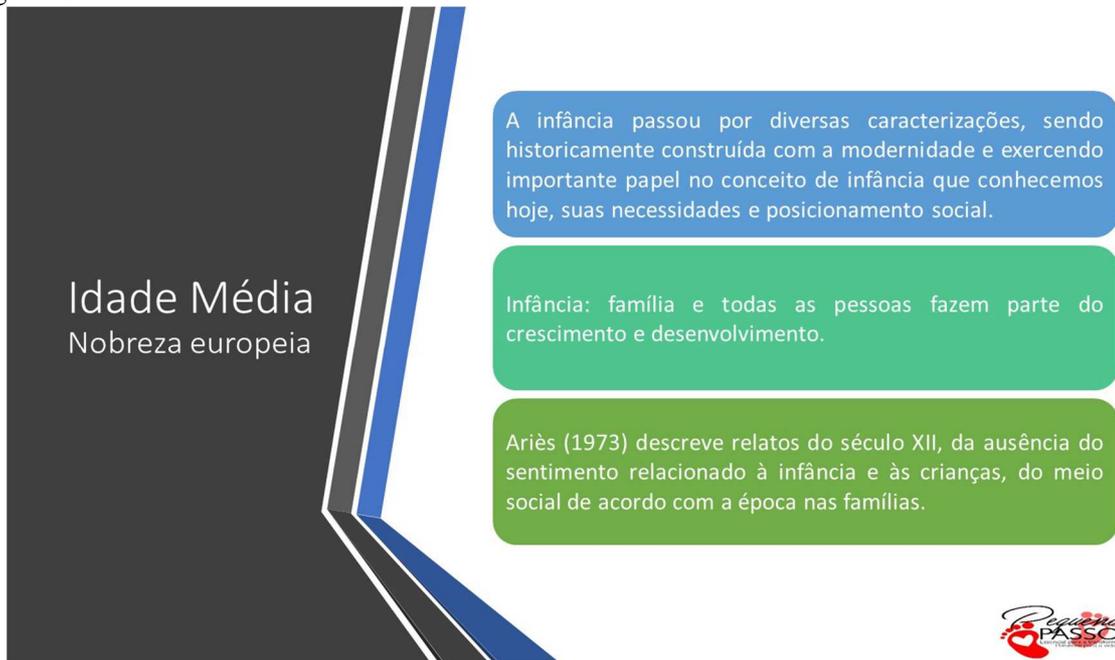


Observou a ausência do sentido de infância como um estágio **importante no desenvolvimento da pessoa** até o fim da Idade Média. Outra significativa definição dada pelo autor foi a infância como um **período diferente da vida** adulta, verificando e estabelecendo um novo lugar para a criança na família e na sociedade moderna.



Fonte: Reprodução Google/Protocolo da pesquisa (2018).

Figura 29 – A infância na Idade Média



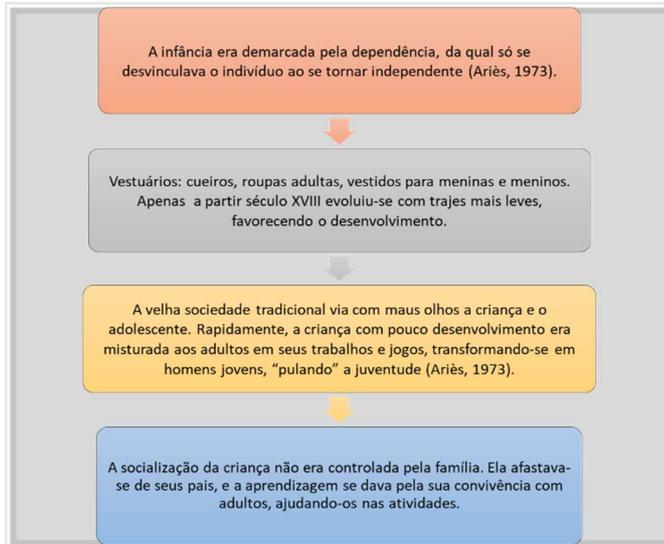
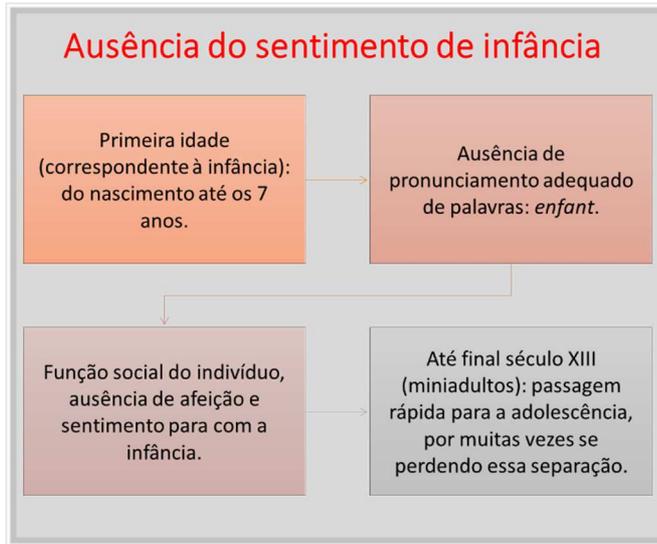
Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

Nos textos, debruçamo-nos para entender como os especialistas posicionavam a criança e conseqüentemente a infância. Grosso modo, essas sociedades consideravam a primeira idade do nascimento até os 7 anos e lidavam com a ausência de afeição e do sentimento de infância, passando muitas vezes este período despercebido e sendo as crianças

tratadas como miniadultos, o que se pode notar por suas vestimentas ou no convívio excessivo com adultos, na participação em jogos, festas e atividades inadequadas para sua faixa etária etc.

A perda da infância e da juventude, a socialização da criança não controlada pela família, o afastamento e aprendizagem feita pela convivência com adultos marcou esse período com doenças, com a fragilidade da criança, com infanticídio.

Figura 30 – Ausência do sentimento de infância: breve histórico



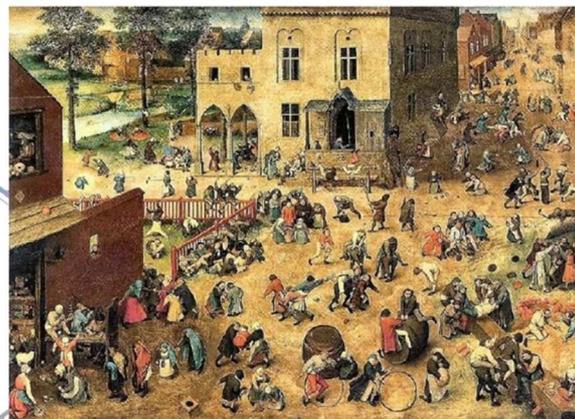
Crianças nobres no século XVII



- Mortalidade infantil: fragilidade, doenças, e infanticídio.
- Direcionamento para outras famílias (sociabilidade).



Luis XIV bebê com a mãe, Ana da Áustria, e quando assume a coroa e torna-se rei da França aos 13 anos



Crianças e adultos compartilhavam os mesmos jogos e brincadeiras, conforme vemos nesta pintura de Brueghel do século XVI



4.2.2 Descoberta do Sentimento de Infância

Demonstramos aos educadores um novo olhar para a criança do século XVIII e XIX, uma moralização em relação às condutas infantis de forma dualista, como centro das atenções da mãe, surgindo o “amor materno” através da substituição das amas de leite, entre outras preocupações como as questões de higiene e cuidados, gerando a educação dentro da própria família e representações em pinturas e imagens como anjos, menino Jesus, bebê morto como forma de guardar essa convivência etc.

Vale mencionar também mudanças relacionadas ao batismo, trazendo essa celebração mais próxima para as crianças, uma vez que muitas morriam devido ao alto índice de doenças, ficando as parteiras envolvidas nesse momento de sacramento.

Tudo isso trouxe, assim, a infância como conhecemos, em que se observa os brinquedos próprios, retirando a criança do mundo adulto, como nas imagens encontradas da época ou na separação das crianças dos adultos em reuniões ou festas.

Figura 31 – Representações da criança durante os séculos



Descoberta da infância: sentimento

- Movimentação cristã.
- Mudanças em relação à representação da criança: anjo de formas graciosas, menino Jesus, criança nua como entrada da alma no mundo de maneira sagrada, imagens acompanhadas pela família; criança morta.
- Moralização nas condutas infantis: sexualidade como algo dualista, mas ainda em segredo (conter-se).
- Século XVIII: mães “cuidadoras dos filhos”, “amor materno”.
- Substituição da amas de leite.
- Noções de higiene e cuidados com as crianças, passam a ser o foco central.
- Educação das crianças pela própria família.



- Em uma sociedade cristã, muitas vezes o batismo era esquecido pelo fato de acontecer duas vezes ao ano – na véspera da Páscoa e na véspera de Pentecostes – e não ser obrigatório. O ritual, porém, sofreu mudanças para o batismo de crianças não mais coletivo.
- As parteiras foram incumbidas de realizar o batismo para aquelas crianças a termo (*usque in utero*).



Crianças no início do século XIX: brinquedos de um “mundo infantil”

- Papanização e educação: “bom selvagem” (Rousseau).
- Educação para a civilização, objetivando a vida adulta.
- Tirar criança da irracionalidade e levá-la para a racionalidade.
- Rousseau estima que é preciso partir dos instintos naturais da criança para desenvolvê-los.



A mesa das crianças: separa-se agora as crianças do mundo e dos assuntos adultos



A criança como o centro das atenções maternas e familiares



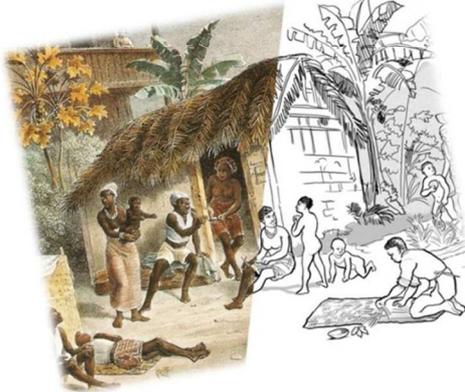
4.2.3 Infância no Brasil

Debruçando-nos nas leituras de Minella (2006), levamos conhecimentos do início da educação no Brasil através dos Jesuítas no período colonial sobre os primeiros projetos pedagógicos de cunho religioso para meninos indígenas, mestiços e alguns negros e órfãos, por meio da memorização, pelo ensino da música e do canto através dos “bons” e rígidos costumes, visto que as crianças eram menos resistentes aos novos costumes do que os homens adultos.

Figura 32 – Infância no Brasil

Infância no Brasil

- Relatos dos primeiros Projetos Pedagógicos para a Infância.
- Meninos indígenas e alguns mestiços, portugueses, negros, órfãos.
- Memorização de “bons costumes”.
- Nova fé (meninos mais preparados), menos resistentes do que o adulto.



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

Demonstramos através de uma tabela diversos relatos das atividades vividas pela criança nesse período, apontamos uma das primeiras demonstrações de desigualdade de gênero em relação a um jogo chamado ‘casamento’, no qual se formam duas filas – uma de menina e outra de menino –, um de frente para o outro; então uma menina pergunta para o primeiro menino se ele quer casar com colega que está ao seu lado e ele responde sim ou relata algum atributo indelicado para ela, seguindo assim o jogo até chegar à última menina; se a resposta for sim ocorre a troca de lugar com essa menina, realizando as mesmas regras para todos os participantes do jogo.

Entre outros privilégios, como ficar livres de castigos, os meninos participavam de rituais ligados ao processo de puberdade como corte de cabelo, além de clubes secretos para homens “baito” e treinamentos de domínio do sexo masculino sobre o feminino.

A menina também participava de brincadeiras, nadava, pescava, balançava nas redes, ajudava a mãe nas atividades de fazer farinha, cuidar das plantações e dos irmãos, fazia seus brinquedos de bonecos de barro e de madeira.

Tabela 1 – Atividades das crianças por gênero

Meninos	Meninas
Livres de castigos	Brincadeiras com bonecos de barro e madeira
Corte de cabelo no início da puberdade	Ajuda nas plantações
Clubes secretos (baito)	Ajuda na cozinha (fazer farinha, cozinhar mandioca)
Preparo para responsabilidades e privilégios de homem	Cuidados com os irmãos (carregados em uma tipoia)
Caça, pesca, guerra, canto, música, magia, religião	Nadar, pescar
Acesso a colégios, orfanatos, leitura, escrita, teologia, artes, latim	Atividades do lar
Jogos de “casamento”	Balançar na rede
Jogos diversos	
Bolas de borracha, jogos de azar	

Por falta de mulheres brancas nas colônias, meninas eram sequestradas dos orfanatos para servir de companheiras dos homens da baixa nobreza portuguesa, um período marcado no qual meninas com 15 anos já eram consideradas aptas para casar e meninos com 9 anos já eram incluídos no trabalho pesado. Transformações ocorreram em relação ao cuidar das crianças órfãs na França, passando da caridade de cunho religioso para a profissionalização desse cuidado.

Já no Brasil havia a roda dos expostos nas Santas Casas era a única forma de abrigar os desfavorecidos de forma temporária destinada aos cuidados dessas crianças. Em pesquisas foram encontradas 13 rodas nas quais, devido às condições inapropriadas de estadia, iniciava-se campanha para incentivar as amas de leite a ficar com a criança e direcionar a menina aos cuidados domésticos e o menino a atividades de sapateiro, ferreiro, balconista, havendo ainda a possibilidade de serem enviados para as companhias marinhas para aprendizes de marinheiros ou arsenal de guerra.

O uso da mão de obra de crianças e adolescentes gerava cerca de 15% do total da mão de obra pelas indústrias no início do século XX, misturando-se a hierarquia de gênero.

Surgem instituições asilares criadas pela igreja com grande preocupação com a honra das meninas durante o século XVIII e XIX, com unidades mistas e outras exclusivas para os meninos, preocupadas em direcioná-los ao ensino profissionalizante e preceitos morais. Realidade bem diferente da criança da elite, cercada de cuidados da família, de médicos e mestres até seus 7 anos de idade, mas também com diferenças abissais marcadas pela convivência entre as crianças brancas e negras de acordo com as famílias a que pertenciam.

Figura 33 – Cenário brasileiro da infância no passado

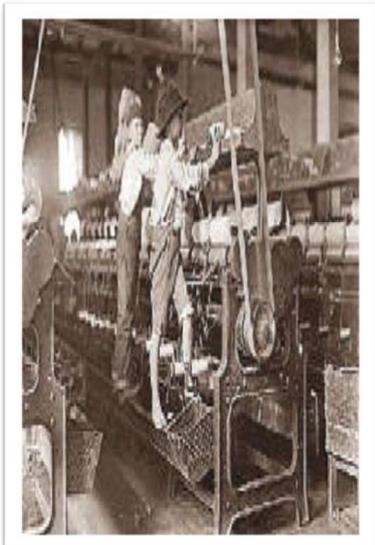
- Sequestro das meninas de orfanatos de Lisboa e Porto.
- Roda dos Expostos na Santa Casa de Misericórdia – 13 rodas: Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Rio Grande (RS), Pelotas (RS), Cachoeira (BA), Olinda (PE), Campos (RJ), Vitória (ES), Desterro (PB), Cuiabá (MT).
- Estímulo para amas de leite adotarem as crianças como aprendizes.
- Meninos: ferreiro, sapateiro, balconista, caixeiro.
- Meninas: empregadas domésticas.
- Preocupação com as meninas, receio com a honra e castidade.
- Criação de instituições asilares – algumas mistas e outras exclusivas para meninos.
- Criança de elite: estudo, brinquedos, médicos da família, educação de meninas e educação de meninos (preceptor, capelão, mestre particular aos 7 anos).



Roda dos Expostos



Menino, trabalhador do comércio



Crianças trabalhando em fábrica no início do século XX

- “Moleques”, meninos 7 a 12 anos, realizavam pequenas tarefas para senhores, como entrega de recados e compras.
- Meninas, além de habilidades manuais, dotes sociais, encontravam-se nas escolas, nas disciplinas francês, inglês, aritmética, mitologia, estudavam de 7 a 14 anos até o casamento.
- Criança pobre: maiores de 7 anos eram recrutados pela marinha; vida dura.
- Criança operária: São Paulo representava 15% das crianças e adolescentes com diferenças salariais nas primeiras décadas do século XX.
- Hierarquia de classes se mesclava com a de gênero em benefício do capital: salário menor para os mais novos, meninas e adolescentes.



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

Estudos denunciam a convivência entre crianças brancas e negras na mesma casa, mas de forma abusiva, na qual os meninos e as meninas negras eram como brinquedos para as

crianças brancas, o que demonstra posições hierárquicas étnicas nesse período desde a infância.

Figura 34 – Brancos e negros no Brasil: infâncias distintas



Famílias negras escravizadas



Posições hierárquicas étnicas desde a infância



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

4.2.4 Sexualidade

A figura 35 é um *slide* através do qual procuramos mostrar aos educadores conhecimentos no que se diz respeito a sexualidade e sua privacidade, de que maneira sofremos pressão da sociedade em que vivemos, de acordo com o que se espera. Leão (2012) faz uma abordagem interessante em relação aos momentos em que se começa a discutir sexualidade nas primeiras décadas do século XIX, mesmo sendo antes do surgimento do ser humano.

Ariès (1981) ajuda-nos a datar a origem de certas normas com comportamentos sexuais na infância, como brincadeiras entre crianças, e documentos (por exemplo, Luís XIII com seus 7 anos de idade mostrando seus órgãos genitais) que comprovam que naquele momento da história não se conhece repressão alguma.

Figura 35 – Linha do tempo da sexualidade



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

Louro (1999) descreve a sexualidade de forma natural e argumenta que é de forma social e política ou ainda num caráter construído que nos classificamos e que não há nada de natural nessas categorizações, pois vivemos e nos definimos pelos processos culturais direcionando o que é ou não natural e transformando a biologia e a natureza historicamente. As relações com o mundo em que vivemos, no que diz respeito às crenças e às relações de poder, é que vai nortear como homens e mulheres se apresentam.

Maia (2009) trata as formas de se expressar, de se posicionar e de obter prazer, isto é, a sexualidade, indo além das representações dos órgãos genitais, direcionando-se à forma de conceituar os comportamentos afetivos e sexuais entre as pessoas de acordo com o posicionamento de valores culturais e históricos que vivem.

Figura 36 – Sexualidade: revisão de literatura



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A história da sexualidade permeou a história do homem, passando, do século XVII, de segredo à forma “regulamentada” nos espaços e relações normativas, maneira de conduzi-la que nos traz reflexões e posicionamentos diversos, como o de Foucault (2006) sobre a criança, a sexualidade no ambiente escolar e a tentativa de reprimi-la que gera mais força.

O ambiente escolar é um espaço rico de possibilidades, devendo ser explorado e não anulado. Ainda no século XXI vivemos divisões sobre a sexualidade da criança. Tentando separar o que é de adulto e o que remete à infância, contraditoriamente, deparamo-nos com exposição livre na mídia de forma aberta e de fácil acesso, sem limites, de músicas, propagandas, desenhos etc., de materiais que – inapropriados à infância – acabam por fugir ao controle dos pais e professores.

Figura 37 – A sexualidade ao longo dos anos

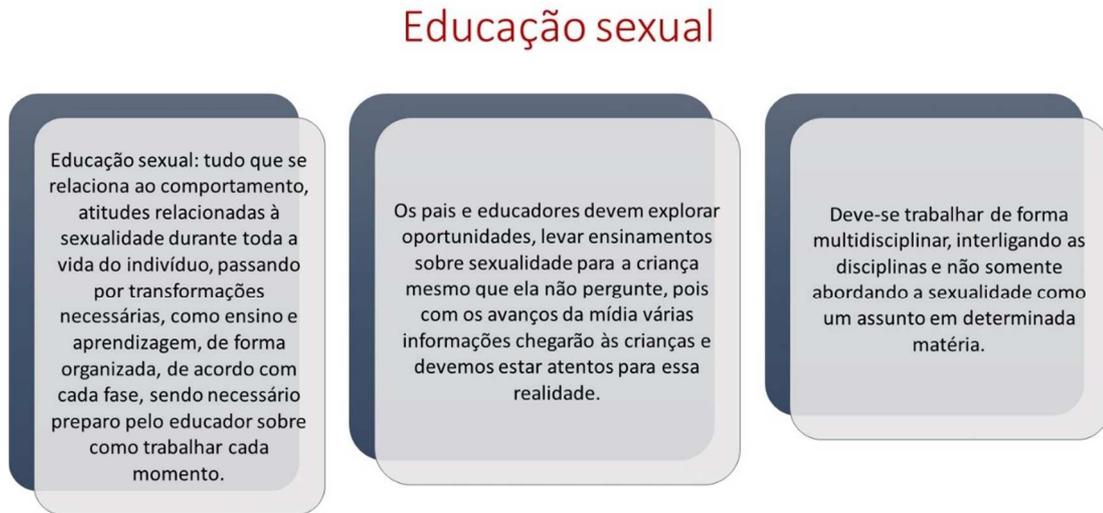


Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

4.2.5 Educação Sexual

Os *slides* a seguir apresentam a educação sexual sob a perspectiva de comportamentos e atitudes de acordo com as fases da vida dos indivíduos, demonstrando que há o que ensinar em cada fase de desenvolvimento da criança, fazendo-se necessário ao educador buscar e se preparar para que essa orientação ocorra de forma adequada para cada tempo. Mesmo que não ocorra abordagem por parte dela, devemos explorar oportunidades de ensinar, uma vez que as crianças estão expostas à mídia e ao ambiente em que vivem, esse educador deve buscar a transmissão desse conhecimento para os educandos nas disciplinas de forma multidisciplinar e não somente em uma disciplina específica.

Figura 38 – Educação sexual: uma proposta



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

A sexualidade no cotidiano escolar se apresenta de diversas formas e representações, expressando-se nas pichações dos banheiros, nos manuais, nas carteiras, nas músicas, nos olhares, nos bilhetes, nos apelidos. Ela pode ser também representada de forma educativa através de orientações no ambiente escolar sobre HIV-Aids, gravidez na adolescência, direitos e decisões sobre o próprio corpo.

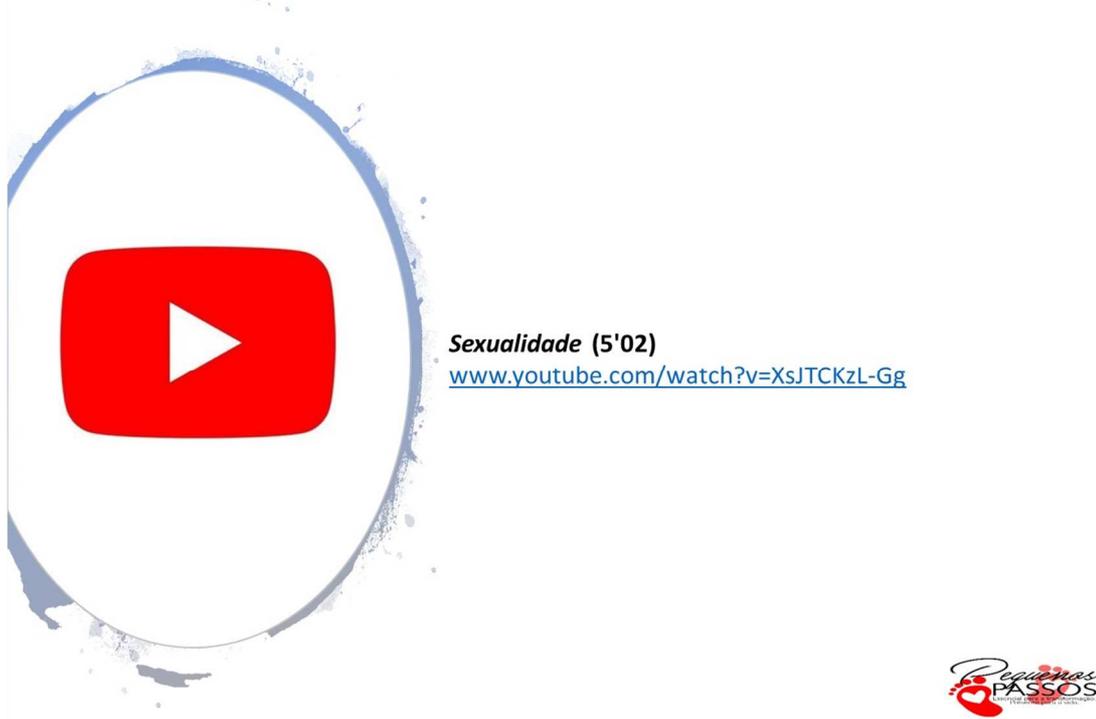
Figura 39 – Sexualidade no cotidiano escolar



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

Utilizamos o recurso vídeo para trazer de forma lúdica conhecimento em relação aos assuntos que abordamos, mostrando a sexualidade com a grande importância que tem em nossas vidas. Apesar de vista como tabu em muitas culturas, a sexualidade nos ensina ainda sobre diferenças, gênero e identidade.

Figura 40 – Vídeo reproduzido no curso como alternativa no ensino e aprendizagem da sexualidade



Fonte: YouTube – Minutos Psíquicos/Protocolo da pesquisa (2018).

No terceiro encontro abordamos o tema gênero e apresentamos vídeos na temática de forma diversificada. Nesse mesmo encontro, propomos quatro atividades práticas que abordavam sexualidade e gênero de forma lúdica, mostrando para os educadores que podemos tratar esse assunto sem anunciar especificamente o nome ‘educação sexual’, de forma multidisciplinar, respeitando a idade de cada criança, seus princípios e crenças.

No *slide* apresentamos pesquisadores como Louro (1999), que nos traz posicionamentos culturais de gênero, como o conhecemos, feminino e masculino, marcas de nossa cultura, esclarecimentos como o fato de as formas de expressar desejos e prazeres dependerem, entre outras coisas, das relações de poder travadas na sociedade.

Leão (2012) colabora trazendo elucidações de toda ordem nas quais o gênero se insere, por exemplo os movimentos feministas que lutam contra as desigualdades entre homens e mulheres pautadas pelo determinismo biológico.

Figura 41 – O que é gênero



Gênero

- Louro (1999) aponta que o corpo ganha sentido socialmente, de acordo com a cultura. A inscrição do gênero (feminino ou masculino) em nossos corpos é a marca dessa cultura e as possibilidades de sexualidade e suas formas de expressar desejos e prazeres também são estabelecidas e codificadas. Portanto, as identidades de gênero e sexuais são, se compõem e se definem pelas relações sociais, entrelaçadas a redes de poder em uma sociedade.
- Para Leão (2012), a ideia de gênero surge na movimentação feminista na luta contra as desigualdades entre homens e mulheres pautadas pelo determinismo biológico.
- Dessa forma, entende-se gênero como uma construção social, histórica e cultural que se diferencia sexualmente e através de poderes, presentes na sociedade, de forma desigual.



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

As necessidades de homens e mulheres, um como parte do outro, e suas experiências, tendo relações um com outro ou não, é onde o gênero se localiza.

Figura 42 – Diversidade



Winter 2017

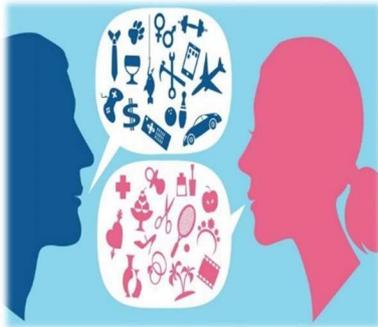
Em geral, ressalta-se o aspecto relacional entre homens e mulheres em que o gênero aparece sugerindo um ser necessário ao outro, sendo um parte do outro, em detrimento a esferas diferentes nas quais a experiência de um sexo pode ter alguma coisa a ver com o outro sexo ou não (Scoot, 1990).



Fonte: Winter (2017)/Protocolo da pesquisa (2018).

O termo ‘gênero’ conota escolhas individuais e situações de pressão no contexto da interação social, para as quais a identidade de gênero, muitas vezes, não está pronta, modificando-se e se construindo pelos posicionamentos de saberes e verdades.

Figura 43 – Construção de gênero



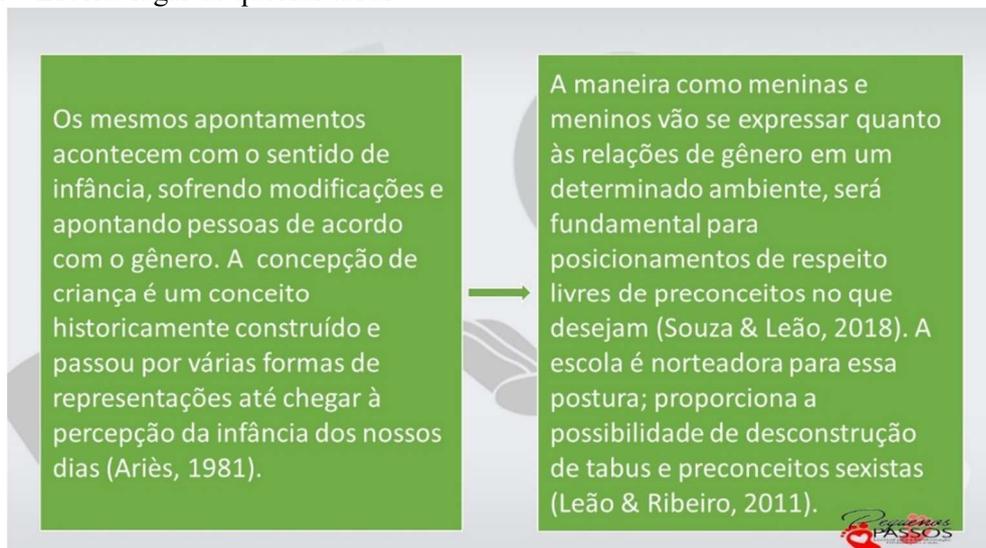
- Para Costa (1994), “os gêneros passam a ser entendidos como processos também moldados por escolhas individuais e por pressões situacionais compreensíveis somente no contexto da interação social”.
- “As identidades de gênero não estão prontas ou acabadas em determinado momento, estão sempre se constituindo a partir de múltiplos discursos que normalizam, regulam e instauram saberes que produzem verdades” (Gianchini & Leão, 2016).



Fonte: Reprodução Google/Protocolo da pesquisa (2018).

No mesmo sentido, é o que acontece na infância: a criança sofre modificações de acordo com o gênero biológico, sendo o conceito de criança também historicamente construído e sofrendo modificações de representações para nossos dias, fazendo-se necessário um posicionamento livre de preconceitos e sendo a escola norteadora de possibilidades e quebras de tabus e preconceitos sexistas.

Figura 44 – Escola: lugar de quebrar tabus



Fonte: Protocolo da pesquisa (2018).

Por meio deste *slide* apresentamos como se posicionam grandes nomes, como Simone de Beauvoir, mostrando-nos as diversas transformações sofridas pelo que conhecemos como gênero e concluindo que não são meras nomeações de macho e fêmea que irão determinar se pertencemos ao gênero masculino e feminino, mas sim a sexualidade ao longo da trajetória de vida.

Figura 45 – Ser homem e ser mulher: uma velha construção sociocultural



- “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Simone de Beauvoir, 1940).
- Mais de 50 anos de apontamentos.
- Repensando seu papel na sociedade.
- Transformações no gênero e na sexualidade.
- O ser homem ou ser mulher se constitui no âmbito da cultura, e não é a mera nomeação de um corpo ao nascimento (macho ou fêmea) que o fará masculino ou feminino. O seu gênero e sua sexualidade se darão ao longo da vida.



Fonte: Reprodução Google/Protocolo da pesquisa (2019).

O gênero e a sexualidade sempre sofrerão modificações do meio, transformações históricas de cultura e novas formas de serem vistos. Sempre estarão presentes na igreja, na escola, nas famílias como saberes absolutos, influenciando e sendo influenciados, por exemplo, pela mídia que dita posturas, vestimentas, comidas, hábitos e estilos de vida.

Figura 46 – Gênero e sexualidade: conceitos que permeiam todos os campos da existência humana



- O gênero e a sexualidade se dão pelas práticas e aprendizagens apresentadas social e culturalmente, e nunca estão acabados.
- Presentes na igreja, na família, na escola, nas instituições legais e médicas como saberes absolutos.
- Atenção e cuidado ao impacto da mídia controlando o que vestimos, como devemos nos comportar, o que comer...
- Novas transformações na história e na cultura acontecem através dos tempos, modificando as formas de ver, transformando o nascer, o amar e o morrer.
- 1960: política das “minorias”, gerando novas práticas sociais, colocando a cultura como alvo, implicando em outros modos de viver, discutindo ética, história, estética e experiências, com o intuito de falar por si e falar de si.

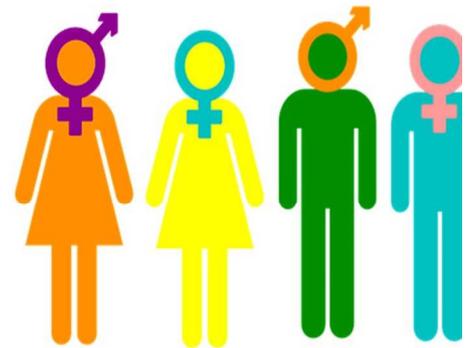


Fonte: Reprodução Google/Protocolo da pesquisa (2018).

Fazem-se necessárias grandes modificações de papéis na mídia, nas revistas, na televisão, nas escolas, de forma a modificar formas de pensar não somente quanto ao gênero e à sexualidade, mas também a outras conquistas e às mudanças que ocorrem ao longo dos tempos. O binarismo, a homo ou a heterossexualidade, por exemplo, em cada época foi vista de dada maneira, portanto estamos diante de comportamentos presentes inevitavelmente em diferentes épocas, sendo necessário serem vividos.

Figura 47 – Identidades possíveis

- Fazem-se necessárias estratégias mais sutis na cultura, na mídia, nos jornais, na televisão, nos currículos, na escola, na universidade para conquista, ao longo da história, de uma luta em torno da atribuição de significados. Esse embate não está apenas nas questões culturais, nas questões de gênero e sexualidade que essas discussões existentes transformaram, mas no dia a dia que o masculino e feminino, o heterossexual e homossexual embutem.
- É no interior da sociedade e de sua cultura específica que características materiais terão significados, onde somos levados a viver gênero e sexualidade através da mídia, da igreja, das leis. Contemporaneamente é pelas movimentações sociais, pela tecnologia etc. que a cultura vai se manifestar de formas diferentes em cada época, sendo necessário viver a contemporaneidade.



Fonte: Reprodução Google/Protocolo da pesquisa (2018).

Através da linguagem visual, com *Não entendeu, a gente desenha*, trouxemos uma forma prática de elucidar as diferenças entre gênero, identidade de gênero e sexo, de uma forma divertida e facilitadora para (des)construir conceitos.

Em *Desigualdade de gênero* abordamos temas sobre igualdade de gênero e desigualdade de gênero, demonstrando através do vídeo o posicionamento de poderes nos papéis de homens e mulheres. Abordamos também fatos como mulheres terem, muitas vezes, mais anos de estudo, mas ainda possuírem um salário menor, além de menos cargos políticos e jurídicos. Discutimos o quanto precisamos avançar na equiparação salarial, melhorando números e injustiças, como salário em média 30% menores do que dos homens e o dobro de dedicação em tempo para atividades domésticas e familiares, além do trabalho formal. Cada indivíduo tem pensamentos diferentes, é importante todos se respeitarem em relação à desigualdade de gênero.

O vídeo *Desigualdade de gênero no olhar das crianças* revela crianças e pré-adolescentes que não aceitam discriminação ou desigualdades, sendo justas nas divisões de premiações e transmitindo o posicionamento delas frente a essa desigualdade.

Era uma vez outra Maria aborda os papéis impostos pela sociedade em relação a meninas e meninos: elas devem ajudar nas atividades do lar e eles se dedicam apenas a ver futebol? Demonstrando como esses padrões não fazem sentido e que o que deve ser respeitado é aquilo que cada indivíduo gosta, sendo urgente mudanças práticas.

Figura 48 – Vídeos apresentados



- ***Não entendeu? A gente desenha! – Gênero, identidade de gênero e orientação sexual (4'00)***
www.youtube.com/watch?v=wFazBWeFOhE
- ***Desigualdade de gênero (5'02)***
www.youtube.com/watch?v=74eofUlyx5o
- ***Desigualdade de gênero no olhar das crianças (3'01)***
www.youtube.com/watch?v=Vblc4GDplkQ
- ***Era uma vez outra Maria (10'29)***
www.youtube.com/watch?v=BxMLYI ANrA



Fonte: YouTube – Não entendeu? A gente desenha!; Maria Eduarda Martins; Raízes do Pará; grupopelavidda/Protocolo da pesquisa (2018).

4.2.6 Atividades Práticas

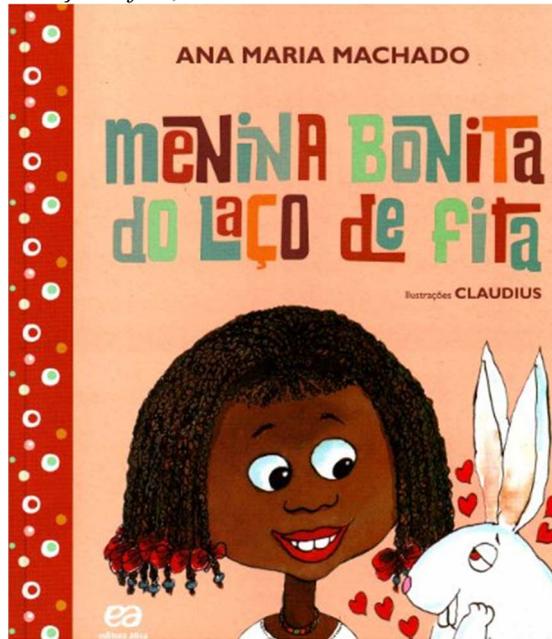
Ainda no último ou terceiro encontro, propusemos quatro atividades práticas que abordavam sexualidade e gênero de forma lúdica, mostrando para os educadores que podemos abordar esse assunto sem anunciar especificamente a educação sexual, de forma multidisciplinar, respeitando a idade de cada criança, seus princípios e crenças.

Na primeira atividade trabalhamos com a Luva pedagógica e o livro *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (2000), objetivando demonstrar a abordagem do tema gênero e suas representações sociais, neste caso, quanto às diferenças de raças e a necessidade

de respeitar cada uma delas, mostrando essa diversidade na sala de aula e o respeito que deve haver entre todos para se ter um ambiente escolar como mediador de respeito e educação.

Para a construção do material foi necessário o livro, uma luva de lã e os personagens da história, confeccionados em espuma vinílica acetinada (EVA), que foram colocados um em cada dedo da lã, gerando movimentos durante a história.

Figura 49 – *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado



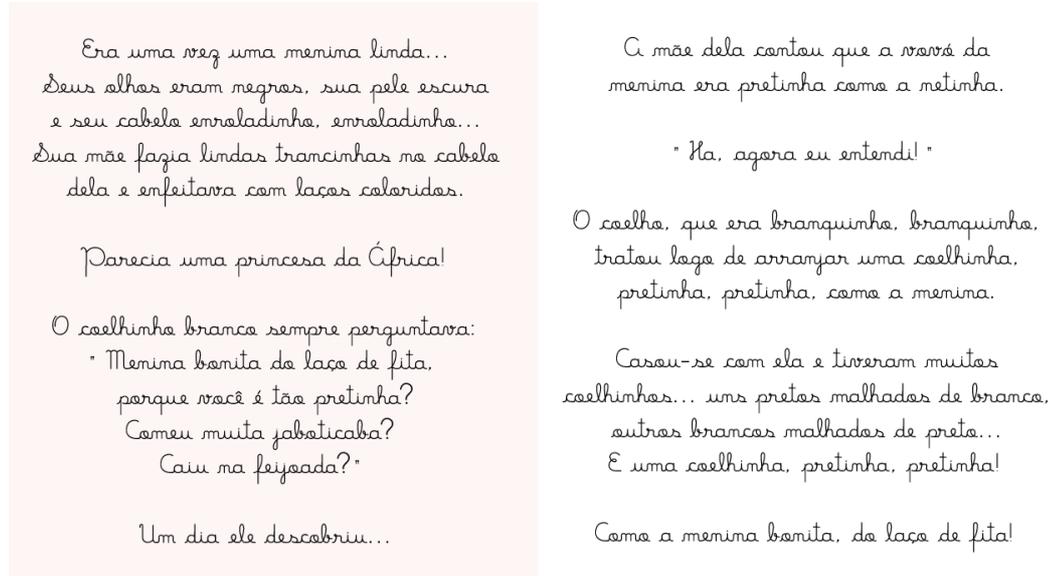
Fonte: Reprodução Google (2018).

Figura 50 – Luvas pedagógicas



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

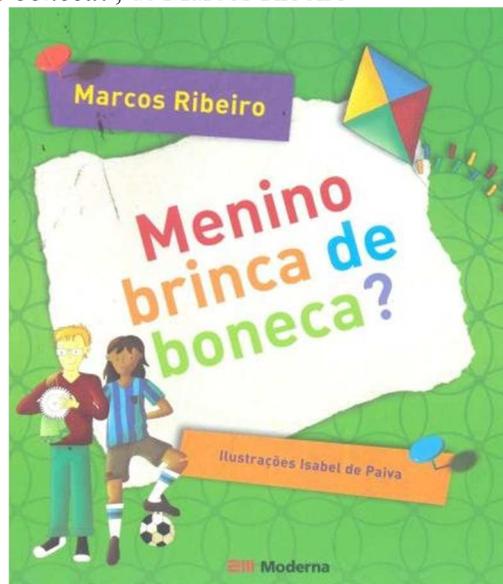
Figura 51 – Trecho da obra utilizada



Fonte: Machado, (2000).

Na atividade número 2 denominada História na lata, através do uso de uma lata composta de personagens do livro *Menino brinca de boneca?*, de Marcos Ribeiro (2011), construímos personagens em EVA e os fixamos com prendedores que podem ficar sobre as bordas da lata. Com o material, discutimos as relações de gênero, demonstrando o uso de certos objetos como feminino e masculino, e como essas representações socioculturais devem ser deixadas de lado ao se trabalhar na Educação Infantil, desmistificando-as. Isso será fundamental para um futuro posicionamento de respeito, livre de preconceitos, já que a escola é norteadora desse princípio e o lugar onde desconstruem-se tabus e sexismos.

Figura 52 – *Menino brinca de boneca?*, de Marcos Ribeiro



Fonte: Reprodução Google (2018).

Figura 53 – Lata confeccionada para o História na lata



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Menino brinca de boneca?

Mãe grita para o menino:

— HOMEM NÃO BRINCA DE BONECA!! LARGA LOGO ISSO.

Quando se é criança as pessoas costumam dizer:

— Menino e menina são diferentes!

— Menino é mais esperto, corajoso, inteligente, forte como o pai.

— Menina é mais obediente, comportada, boazinha como a mamãe.

E se menino é mais obediente disse logo que ele é bobão, mulherzinha;

E se a menina é mais valente, já vão dizendo essa menina parece um menino.

[BOLA]

Isso tudo não é verdade!

O que acontece é que as pessoas são diferentes!

Assim como tem pessoa alta, magra, gorda, independente se é homem ou mulher.

Devemos aceitar as pessoas do jeito que elas são. [CRIANÇAS DIFERENTES CORES]

Podemos encontrar meninos muito valentes e muito educados, meninas menos inteligentes.

— Mas homens e mulheres são diferentes?

— Claro, mas nem por isso homem tem mais privilégio; corpos diferentes, funções diferentes.

E o que você acha disso?

Isso é certo? Ou está errado?

Essa porção de regrinhas... nem sempre estamos satisfeitos com elas?

O que nos resta é nos respeitar e brincar, brincar... (Ribeiro, 2011, p. 48.)

Através da canção do livro-CD *O meu amigo eu vou respeitar*, de Eliton Clayton Rufino Seará (2017), objetivamos ensinar através da música e do contato entre as crianças questões de respeito, comportamentos essenciais ao se conviver em grupos etc. Dentre os personagens, incluímos o menino cego e a criança de muletas, direcionando ensinamentos de inclusão para as crianças. Para a atividade número 3 utilizamos o livro-CD e aparelho de som.

Figura 54 – Livro-CD *O meu amigo eu vou respeitar*, de Eliton Clayton Rufino



Fonte: Reprodução Google (2018).

O meu amigo eu vou respeitar
 O meu amigo eu vou respeitar
 A minha amiga eu vou respeitar
 Não pode bater
 Não pode morder
 Não pode beliscar
 Tem que fazer carinho
 Tem que dar um abraço
 E tem que ajudar
 O meu amigo eu vou respeitar
 A minha amiga eu vou respeitar (Rufino, 2017).

A atividade número 4 foi feita com a exibição do vídeo-música *Como é bom ser diferente*, da Turminha do Tio Marcelo. Objetivamos demonstrar aos educadores que, mediante todas as representações socioculturais, mesmo sendo diferentes somos iguais, trabalhando com a criança respeito, diferenças de raça, cor, crenças, valores. Utilizamos a projeção da imagem e música e caixa de som.

Figura 55 – Captura do canal no YouTube da Turminha do Tio Marcelo



Fonte: YouTube – Turminha do Tio Marcelo (2018).

Como é bom ser diferente,
 como é bom ser diferente
 Imagina só se a gente
 Fosse todo mundo igual
 Isso não seria legal
 Um é gordo, o outro é magro
 Um é alto, o outro é baixo
 Um é preto, o outro branco
 Um enxerga, o outro nem tanto
 Um é fraco, o outro forte
 Um mora no sul, o outro lá no norte
 Um é feio, o outro bonito
 Não importa, é seu amigo
 Diferente de mim
 Diferente de você
 Eu agora sou feliz
 Porque pude perceber
 Eu tenho um amigo
 E sei que ele é diferente (Turminha do Tio Marcelo, 2018).

Em todas as atividades práticas desenvolvidas objetivamos utilizar a ludicidade do educador, trazendo possibilidades diversas para o educar em educação sexual, visto que encontramos um rico material educativo na literatura infantil, fazendo-se necessário para esse momento organizar o olhar de forma diferenciada. A construção do material didático, como o História na lata e a Luva pedagógica nos remete às práticas pedagógicas com materiais concretos, podendo fazer interagir a criança com os personagens. A utilização da música trouxe troca de intimidade e interação entre os membros do estudo.

4.3 EDUCAÇÃO SEXUAL, INFÂNCIA E GÊNERO: IMPRESSÕES E APROXIMAÇÕES DURANTE E APÓS A FORMAÇÃO CONTINUADA

Todo o processo de pesquisa esteve envolvido por grandes mudanças no cenário político nacional, com troca de posicionamentos de visões, além de evidências de retrocessos na educação de nosso país.

Fez-se necessário para a pesquisa, desde a solicitação para a aplicação de nosso projeto junto à Secretária Municipal de Educação, deixar bem claro nossas convicções, os objetivos e os temas que seriam abordados aos educadores devido às grandes mudanças governamentais atuais.

Esse mesmo posicionamento se fez presente e necessário, ao explicar aos educadores em nosso primeiro encontro o que trabalharíamos, como seria a abordagem de nossa pesquisa, para iniciarmos um outro olhar, de forma qualificada, rica em conhecimentos, trazendo de maneira lúdica aprendizado e direcionamento de posicionamentos necessários para a Educação Infantil, como uma base para as diversas atividades que planejamos para continuidade de aprendizado.

Aos educadores durante todo o processo da pesquisa ofertamos um material rico de conteúdos no tocante a infância, sexualidade e educação sexual, e solicitamos a eles que se posicionassem através de filipetas sobre que temas gostariam de ver abordados na temática oferecida durante nossa formação.

Em nossa caixa de perguntas foram depositadas sete filipetas, das quais três nos solicitava como trabalhar a família quanto à sexualidade, por ser este um assunto muito delicado, como devemos abordar e direcionar temas para serem trabalhados no dia a dia da escola, direcionando-nos essa proposta para o terceiro encontro com atividades na prática.

Em outra filipeta foi solicitada a abordagem sobre gênero: como discutir e como trabalhar o tema – também agregando essa temática ao nosso terceiro encontro.

Em duas filipetas nos foi solicitada a abordagem em relação à violência e ao abuso sexual: os educadores gostariam de direcionamentos para abordar o tema, além de como saber se está ocorrendo violência com um dos alunos, como identificar os sinais de abuso sexual. Por ser um tema muito vasto, mas sobre o qual temos um interesse grande como profissional da saúde e educadora, disponibilizei aos educadores diversos materiais, músicas, teatros, ilustrações, além de vídeos e estratégias de abordagem com alunos e família.

Numa última filipeta nos foi solicitada abordagem de como falar com a criança sobre casamento do mesmo sexo e direcionamos para orientação.

A partir de todo conhecimento em relação à infância, sexualidade e educação sexual, trouxemos a temática de gênero que apareceu como um dos temas de grande interesse nas filipetas apresentadas pelos educadores, apropriando-nos desse conhecimento para trabalhar a temática na Educação Infantil.

Ao trabalharmos nosso material pedagógico nos deparamos com diversos posicionamentos dos educadores frente ao conhecimento que trouxemos, demonstrando grande satisfação em relação ao aprendizado oferecido, ficando mais à vontade nesse momento para troca de conhecimentos.

Embasados nos conteúdos de sexualidade, educação sexual e gênero, demonstramos como transformar as atividades rotineiras na Educação Infantil em atividades práticas de fácil acesso para construção ou transformação por parte dos educadores, levando conhecimento para a criança e transformando posicionamentos do educador e de toda equipe envolvida na Educação Infantil.

Educador A: “Nossa, mas educação sexual é simples assim?”

Educadora B: “Nossa, mas isso é educação sexual?”

Educadora C: “Eu trabalho com meus alunos uma música da cantora Aline Barros, que fala sobre o corpo, demonstrando para eles o quanto o corpo deles é precioso e ninguém deve mexer.” [A mesma educadora canta a música para todos interagir.]

Educadora C: “Todo esse conhecimento que foi ofertado é de grande importância, mas vou continuar me posicionando da mesma forma com meus alunos. Acho tudo isso muito moderno e não concordo com muita coisa. Meus princípios religiosos me ensinaram assim e vou continuar assim.”

Educadora D: “Estou encantada com o material e como pode ser usado.”

Educadora E: “Posso levar o material embora? Adorei!”

Para Kishimoto (2003), citado por Moreira (2015), através das brincadeiras, o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e motor se favorece, levando ao processo de ensino e aprendizagem, o que possibilita às crianças a construção e (re)construção de suas compreensões de mundo através do brincar.

Vygotsky (2001) nos aponta as diferenças existentes entre crianças de 3 e 6 anos nas atividades lúdicas pela forma como aplicam as representações de cada uma, tornando-as cada vez mais complexas. Luria (1988) contribui dizendo que quanto mais a criança brinca, mais desenvolverá sua capacidade simbólica, favorecendo códigos sociais mais complexos direcionados à escrita.

Giachini & Leão (2016, (p. 1.416) destacam:

Ao brincar a criança se movimenta em busca de parceiro e na exploração de objetos; comunica-se com seus pares; expressa-se por meio das várias linguagens; descobre e aprende regras, aprimora sua capacidade de decidir.

Louro (2001) relata que a sexualidade é mais que o funcionamento do corpo, envolve rituais, linguagens, famílias, fantasias através de representações, símbolos, convenções, processos culturais e de forma plural. A seguir demonstraremos algumas falas registradas em nosso diário de campo as quais demonstram o impacto que a formação trouxe aos educadores frente à apresentação de nosso material didático utilizado para levar conhecimento.

Educador 1: O curso enriqueceu nossa prática e como trabalhar de forma simples e lúdica os temas sexualidade e gênero.

Educador 2: Num âmbito pessoal, fiquei muito feliz de poder estudar sobre o tema e também pelo interesse e carinho com que a mestrandia trabalhou. Como é um assunto que me interessa muito como profissional, já havia pesquisado muito, mas conhecimento nunca é demais. As atividades apresentadas foram muito ricas tanto de conteúdo como de práticas que podem somar ainda mais.

Educador 3: O curso me trouxe esclarecimentos referentes ao tema gênero, como trabalhar, qual a diferença entre as nomenclaturas.

Educador 4: Foi um curso bem interessante e trouxe muito esclarecimento sobre o assunto.

Educador 5: Acredito que deu um norte para trabalhar esse tema de uma maneira mais autêntica e natural. Sem colocar isso é errado, isso é certo... tem que ser claro e objetivo... sem dar muitos rodeios...

Educador 6: Apresentar coisas como o comportamento das crianças em relação ao toque, as curiosidades, como a sexualidade e o despertar das crianças, a história da infância.

Educador 7: Eu pude perceber o quanto esses temas estão presentes em nosso dia a dia.

Educador 8: Para mim desmistificou um pouco a parte da sexualidade, principalmente em relação à idade abordada. Me "clareou" pouco no que se fala de gênero. Mostrou que certos "tabus" hoje têm a necessidade de serem quebrados até para que ajude na proteção de nossas crianças.

Educador 9: O curso facilitou através da música para trabalhar as diferenças de modo a facilitar o nosso trabalho e fazer com que as crianças respeitem umas às outras.

As dificuldades em trabalhar a educação sexual estão relacionadas ao percurso pelo qual a sexualidade passou e ainda passa no que se diz respeito à sua expressão, em geral ligada às crenças impostas muitas vezes como mitos, tabus e preconceitos, repressões da religião e até mesmo do Estado, dificultando trabalhar o assunto sexualidade no ambiente escolar, acabando por abordá-lo de forma somente preventiva nas séries finais no Ensino Fundamental e Médio. Procuramos trazer posicionamentos diversos aos educadores, inclusive contrariando aquele que se baseia na premissa de que se a temática for trabalhada nas séries

iniciais antecipa os comportamentos sexuais da criança e precocemente causaria conflitos com as famílias.

Ruis (2015, p. 204) colabora:

Vale ressaltar que a tarefa de romper com os modelos hegemônicos, com os preconceitos e tabus presentes na educação de meninos e meninas não é fácil, uma vez que a prática pedagógica que predomina na pré-escola ainda sofre as influências da formação para o magistério tradicional, marcada por binômios como masculino/feminino, aprender/brincar.

Desse modo, cabe ao/à professor/a promover situações em que as crianças possam criar, experimentar, desenvolver suas potencialidades, elaborar hipóteses e expressar seus desejos e necessidades.

Fazem-se necessárias mudanças no ambiente educacional, avançando nas orientações, direcionando o que consta no PCN, sendo necessário investimento nas formas de abordar pedagógica e metodologicamente, além de capacitar os educadores frente às práticas necessárias e temas relevantes para cada fase do desenvolvimento da criança, trazendo diálogos, esclarecendo dúvidas aos educadores uma vez que na formação inicial não houve nenhum tipo de preparo no que se diz respeito à sexualidade e tampouco se fazem presentes ações de busca em formação continuada ou mesmo na temática posteriormente em continuidade.

Nosso estudo demonstra os apontamentos dos educadores sobre as lacunas existentes na formação inicial e continuada no que se diz respeito à educação sexual e de gênero, e os enfrentamentos diários no trabalho educacional frente aos comportamentos sexuais normais para cada idade da criança entre outras reflexões que, por meio da pesquisa-ação, levamos aos educadores com atividades lúdicas e do brincar, estratégias de aprendizado que transformamos e nos transformaram na procura pela maneira eficaz de forma diferenciada de abordagem da temática.

Moreira (2015) destaca que durante as brincadeiras, nas representações de papéis na escolha de um jogo, a criança desenvolve a percepção de si mesmo enquanto brinca, podendo identificar posteriormente o outro. Assim a comunicação se desenvolve.

Reconhecida a presença de lacunas na formação inicial e continuada dos educadores, em preparar o educador em relação à sexualidade, faz-se necessário trabalhar o educador, o ambiente escolar como um todo, inserindo o tema em todas as disciplinas do ensino, assim como a família.

Camilo & Perez (2019, p. 14) destacam:

Concluimos que o processo de formação inicial e continuada se encontram desfasados, pois observamos ausência das abordagens na formação e continuidade em relação à educação sexual e gênero, lacunas essas presentes prejudicando o desenvolvimento do trabalho docente em suas práticas diárias.

Este estudo corrobora com essa visão, apontando por fim o quanto se faz necessário trazer conhecimento ao educador em sua formação inicial para direcionamentos adequados quanto à sexualidade e gênero a fim de que esse conhecimento seja direcionado ao educando. Apontamos ainda a necessidade da oferta de cursos de formação continuada, uma vez que a orientação adequada não ocorreu em processo de formação, sendo assim esse momento de busca de conhecimento qualificado o caminho para a desconstrução de comportamentos inapropriados e possíveis desigualdades de gênero (Camilo & Perez, 2019, p. 15).

Na temática da sexualidade e gênero no contexto da Educação Infantil, os saberes docentes irão mobilizar nos educadores práticas pautadas em desdobramentos conceituais que reflitam a construção da personalidade e da sexualidade da criança, de acordo com a fase de desenvolvimento infantil, que materializem a partir de jogos e brincadeiras a construção social do gênero mediante posicionamentos de equidade e respeito à diversidade.

Este estudo vai ao encontro e direciona similaridade com outros autores, resultado que corrobora com que Rapatão (2015) diz a respeito do quanto é importante realizar investigações e ações sobre educação sexual, envolvendo as famílias. Deve-se desenvolver planos de ensino e programas a partir das necessidades, trazendo a realidade de cada um, sendo possível identificar as ações, gerando educação sexual crítica e reflexiva, com espaços de escuta, acolhimento e orientação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos depararmos com o objetivo de pesquisar sobre as percepções dos educadores no que se diz respeito à educação sexual, deparamo-nos também com a necessidade de verificar o conhecimento dos educadores sobre gênero na Educação Infantil, organizando através da pesquisa-ação propostas de formação continuada na temática infância, sexualidade e gênero, uma vez observadas as lacunas existentes na formação inicial e continuada dos educadores no ciclo e os posicionamentos desses educadores após a intervenção.

Observamos poucos estudos na temática gênero e formação do educador na Educação Infantil, além das dificuldades enfrentadas no dia a dia pelos profissionais através dos comportamentos pessoais e culturais, fazendo-se necessárias mudanças urgentes em relação à formação inicial e continuada, à educação sexual, ao educador e ao currículo.

É preciso que se possibilite a formação inicial e continuada de forma a compartilhar conhecimentos para o trabalho na Educação Infantil, uma vez que esse saber não estava inserido no currículo da educação e se faz necessária a continuidade em busca de conhecimentos.

A criação de estratégias de intervenção, levando formação aos educadores, e a criação de materiais pedagógicos facilitadores do educar nos direcionou de forma a facilitar o aprendizado, criando possibilidades de acesso aos demais educadores, gerando para essa pesquisa um espaço de escuta na formação de educadores, sendo um vínculo para a transformação da educação.

Em suma, como conclusões, podemos apontar o quanto é importante e necessário socializar as pesquisas realizadas e estudos acadêmicos já existentes de forma a ampliar a visibilidade em torno da sexualidade, trazendo inferência aos educadores na busca da temática.

Que este estudo possibilite assiduidade de formação continuada aos profissionais da educação; que haja a valorização do profissional docente em relação às condições de trabalho e de formação com ênfase para os educadores das crianças pequenas; que, ao se buscar direcionamentos a Educação Infantil, não se reproduza princípios de uma educação de comportamentos sexistas, pautados na hierarquia entre gêneros; que o lúdico seja valorizado através de jogos, brinquedos e brincadeiras envolvidos no processo educacional, incentivando a diversidade e a igualdade de gênero; que este estudo seja fonte de possibilidades de (re)significar as práticas, objetivos e espaços do educar na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- Araújo, M. L. M. (1999). A construção histórica da sexualidade. In: Ribeiro, M. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. v. 1. São Paulo: Gente.
- Argenti, P. C. (2018). *Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual*. 78 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153705?show=full>
- Ariès, P. (1973). *História social da criança e da família*. 2. ed., Rio de Janeiro: Guanabara.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA.
- Borges, R. de C. V. (2016). *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil*. 188 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/149945>
- Brasil. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais. *Temas transversais: orientação sexual*. v. 10.5. Recuperado em 22, novembro, 2012 de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>
- Brasil. (2010). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Saúde sexual e saúde reprodutiva*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, n. 26. Brasília: Ministério da Saúde.
- Buglione, S. (Org.) (2002). *Reprodução e sexualidade: uma questão de justiça*. Porto Alegre: Themis.
- Camilo, V. C. S. & Perez, M. C. A. (2018). Infância, gênero e educação infantil: ausências e ações na formação continuada dos educadores. *Anais do III Congresso de Educação PET Pedagogia: XII Amostra de Pesquisas em Educação*. In: Perez, M. C. A. (Org.). pp. 180-1.
- Camilo, V. C. S. & Perez, M. C. A. (2019). Gênero e educação infantil: ausências e ações na formação dos educadores (2019). *Revista Científica Semana Acadêmica*, v. MMXIX, n. 000174. RECUPERADO EM 25, AGOSTO, 2019 DE <https://semanaacademica.org.br/ARTIGO/GENERO-E-EDUCACAO-INFANTIL-AUSENCIAS-E-ACOES-NA-FORMACAO-DOS-EDUCADORES>.

Cortez & Lampert, E. (2005). Pós-modernidade e educação. In: Lampert, E.; Calloni, H.; Baumgarten, M.; Porto, I. *Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. pp. 11-48. Porto Alegre: Sulina.

Costa, C. L. (1994) O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 2, p. 141-74.

Crociari, A. & Perez, M. C. A. (2018). Gênero e educação infantil: percepções na formação inicial do pedagogo. *Anais do III Congresso de Educação PET Pedagogia: XII Amostra de Pesquisas em Educação*. In: Perez, M. C. A. (Org.). Araraquara: FCLar-UNESP. pp. 160-1.

Crociari, A. & Perez, M. C. A. (2019). *O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente*. Ibero-Americana de Estudos em Educação.

Ferreira, G. R. (2015). *Cursos de formação em educação sexual que empregam as tecnologias digitais*. 150 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/132587>

Figueiró, M. N. D. (1996). *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. Londrina: Eduel.

Figueiró, M, N. D. (1998). Revendo a história da educação sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. *Nuances*, v. 4, n. 4, pp. 123-33.

Figueiró, M. N. D. (2004). O Professor como educador sexual: interligado formação e atuação profissional. In: Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência. pp. 115-51.

Figueiró, M. N. D. (2010). *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 3. ed. Londrina: Eduel.

Figueiró, M. N. D. (2013). *Educação sexual no dia a dia*. Londrina: Eduel.

Finco, D. (2010). *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-135714/pt-br.php>

Foucault, M. (2006). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1999). Prefácio. In: Ribeiro, M. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. v. 1, pp. 145-51. São Paulo: Editora Gente.

Giachini, A. C. B. & Leão, A. M. C. (2016). Relação de gênero na Educação Infantil: apontamentos da Literatura Científica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 11, n. 3, p. 1409-22. Recuperado em 26, junho, 2019 de <https://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n3.9038>

Gomes, R. (2001). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo, M. C. S. (Org.) *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 19. ed. Petrópolis: Vozes. pp. 67-80.

Inácio, C. A. S. (2018). *Concepções sobre sexualidade de professores e funcionários que atuam em uma escola municipal de educação básica*. 76 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 25, agosto, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/153488>

Junqueira, R. D. (2010). *Currículo, cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública*. Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos. Recuperado em 26, junho, 2019 de http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277922201_

Kishimoto, T. M. (Org.) (2003). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 7. ed. São Paulo.

Kuhlmann, M. Jr. (2011). *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. de A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Leão, A. M. C. & Ribeiro, P. R. M. (2011). Sexualidade sem trauma: trabalhando gênero e corpo com crianças de uma escola municipal de educação infantil. In: Monteiro, S. A. I. (Org.). *Educação na contemporaneidade: reflexão e pesquisa*. São Carlos: Pedro & João Editores.

Leão, A. M. C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/1905.pdf

Leão, A. M. C. (2012). *A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência*. Relatório de Pós-Doutorado apresentado à Fapesp, Departamento de Psicologia da Educação – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

Leão, A. M. C.; Ribeiro, P. R. M. & Bedin, R. C. (2010). Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação dos professores. *Linhas*, v. 11, n. 1, pp. 36-52.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

Louro, G. L. (1999). Pedagogias da sexualidade. In: G. L. Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. pp. 7-34. Belo Horizonte: Autêntica.

Louro, G. L. (2001). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Louro, G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, n. 46, pp. 201-18. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>

Luria, A. R. (1988). O desenvolvimento da escrita na criança. In: Vygotsky, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. pp.143-89. São Paulo: Ícone.

Machado, A. M. (2000). *Menina bonita do laço de fita: Ática*.

Maia, A. C. B. (2009). *A educação sexual de pessoas com deficiência mental*. Série: Temas em Educação Escolar, n. 11.

Maia, A. C. B. *Sexualidade e educação sexual*. Recuperado em 26, junho, 2019 de <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155340>

Maia, A. C. B.; Heredero, E. S. & Ribeiro, P. R. M. (2009). *Sexualidade e educação sexual na formação do professor de ensino fundamental na Espanha: notas preliminares de pesquisa*. Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. pp. 9.188-99. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/139825>

Minayo, M. C. de S. (1994) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco.

Minayo, M. C. de S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco.

Minella, L. S. (2006). Papéis sexuais e hierarquias de gênero na história social sobre infância no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 26, pp. 289-327. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30395.pdf>

Moreira, D. A. F. (2015). *Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa*. 124 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/132646>

Moreira, D. A. F.; Perez, M. C. A. & Leão, A. M. de C. (2013). *Linguagem corporal: ludicidade e sexualidade em educação infantil*. Anais da VII Amostra de pesquisas em educação. Araraquara: FCL-Unesp.

Moreira, D. A. F.; Perez, M. C. A. & Ribeiro, P. R. M. (2013). *Identidade cultural e mídia: revisão literária*. Anais VIII Encontro Ibero-Americano de Educação. Araraquara: FCL-Unesp.

Novoa, A. (1994). *Notas sobre formação (contínua) de professores*. Conferência pronunciada na Faculdade de Educação da USP, em 17 de maio de 1994.

Nunes, C. & Silva, E. (2000). *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem de sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados.

Pereira, J. E. D. (2007). Formação de professores, trabalho docente e suas repercussões na escola e na sala de aula. *Educação & Linguagem*, v. 10, n. 15, p. 82-98. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/158>

Priore, M. D. (2011). *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Rapatão, A. S. C. (2015). *Educação sexual, saúde e sexualidade: (re)significando as relações entre pais e filhos*. 111 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 26, junho, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/136056>

Ribeiro, M. (1999). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. São Paulo: Gente.

Ribeiro, M. (2011). *Menino brinca de boneca?* São Paulo: Moderna.

Ribeiro, P. R. M. & Bedin, R. C. (2010). Algumas reflexões sobre a formação do pensamento sexual brasileiro a partir da historiografia da educação sexual. In: Teixeira, F. et al. *Sexualidade e educação: políticas educativas, investigação e práticas*. CIEd. Recuperado em 26, junho, 2019 de http://www.fpccsida.org.pt/images/stories/Livro_I_CISES.pdf

Ribeiro, P. R. M. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU.

Ribeiro, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência. pp. 15-25.

Rodrigues, S. S. (2017). *Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA*. 192 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/151756>

Rosemberg, F. (1985). *Educação Sexual na escola*. São Paulo: Cad. Pesquisa.

Rufino, E. C. (2017). *O meu amigo eu vou respeitar*. Livro-CD. Recuperado em 27, junho, 2019 de <https://www.elitonrufino.com.br/livro-o-meu-amigo-eu-vou-respeitar-mais-cd/>

Ruis, F. F. (2015). *Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*. 224 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/134114>

Scott, J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 16, n. 2, pp. 5-22. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>

Thiollent, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Turminha do Tio Marcelo (canal no YouTube). *Como é bom ser diferente*. Recuperado em 27, junho, 2019 de <https://www.youtube.com/watch?v=6JRabhhprks>

Vygotsky, L. S. (1991). *Pensamento e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2001), *Psicologia pedagógica*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2007). Interação entre aprendizagem e desenvolvimento. In: Vygotsky, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Ltda. pp. 53-61.

Weeks, J. (2001). O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 35-82.

Zocca, A. R. (2015). *A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores*. 78 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 4, setembro, 2019 de <http://hdl.handle.net/11449/132728>

APÊNDICE A – CERTIFICADO

Apêndice A – Certificado de participação



CERTIFICADO

Projeto Pequenos Passos: Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores
Certificamos que _____ **participou na condição de ouvinte no Curso:** “Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores”, **promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização GEPIFE UNESP-CNPq, realizado nos dias 11/09, 06/11 e 13/11 de 2018, na Secretária Municipal de Educação, com carga horária de 10 horas.**

Temas: Infância, Sexualidade, Gênero, Atividades Práticas
Barretos 13 de novembro de 2018

Vanessa Cristina Sossai Camilo

Marcia Cristina Argenti Perez

Profa. Mestranda Vanessa Cristina Sossai Camilo
Pesquisadora GEPIFE

Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Argenti Perez
Coordenadora GEPIFE UNESP CNPq



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

1. Identificação do Participante

Idade: _____ **anos** **Sexo:** _____

Qual a idade dos alunos que você está lecionando ? _____

2. Formação acadêmica e experiência profissional

Qual sua formação acadêmica?

R: _____

Há quanto anos você trabalha na Educação?

R: _____ anos

Possui outras experiências profissionais? Cite as experiências

R: _____

3. Questões pessoais e formativas

Você já teve algum contato com Educação Sexual em sua vida escolar ou familiar? Se sim, quais são suas recordações?

sim – na Escola

sim – na Família

sim – na Escola e na Família

Não tive nenhum contato com Educação Sexual na Escola e na Família

Tive em outro espaço-instituição Qual?: _____

Como Educadora (o), qual(is) a(s) diferença(s) e as semelhanças entre a sua infância e a infância atual?

R: _____

Como educador(a), você acha que a Educação Sexual e o Gênero devem fazer parte dos conteúdos escolares da Educação Básica?

sim

não

Não tenho conhecimento sobre o conteúdo da Educação Sexual e Gênero

Sendo a Orientação Sexual um dos conteúdos transversais já sinalizados nos Parâmetros Nacionais Curriculares, quando você considera ser importante o início da Educação Sexual no ambiente escolar?

Educação Infantil

Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)

Ensino Médio

Em nenhum nível escolar

Na sua formação na área da educação, você teve formação específica sobre Educação Sexual e Gênero?

sim

não

Qual a sua opinião sobre a temática educação sexual e gênero ser trabalhada na sala de aula na educação infantil?

R: _____

Quais assuntos, comportamentos, problemas ou curiosidades na Área da Educação Sexual e Gênero você já vivenciou com seus alunos na Educação Infantil?

R: _____

Você se sente prepara para trabalhar com a Educação Sexual e Gênero na Educação Infantil?

Sim

Não

Possui alguma dúvida, interesse específico ou comentário sobre os temas explanados?

R: _____

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

Termo de Consentimento e Autorização

Pelo presente documento, eu, _____, portador do CPF n. _____, autorizo aluna Vanessa Cristina Sossai Camilo; CPF nº 217.568.668-05, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara: para o uso e análise dos dados na pesquisa intitulada: Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada de educadores, sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez que resultará em sua dissertação de mestrado, assim como em publicação e divulgações científicas. O depoente terá seu anonimato garantido. Em nenhum momento será citado o nome de qualquer pessoa que apareça nas atividades de coleta de dados.

Sendo assim, firmo a presente declaração em uma via como instrumento eficaz que representam nossos direitos.

Local e Data. _____

_____ Depoente Pesquisadora

Obrigada pela colaboração !

APÊNDICE D – FILIPETAS

Apêndice D – Filipetas

	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>Como trazer a família para trabalhar a sexualidade com eles.</p>
	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>COMO TRABALHAR ESSE ASSUNTO TÃO DELICADO?</p>
	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>Temas que nos ajude a se dar bem em nossa aula a dia.</p>
	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>O que é gênero? Como trabalhar o gênero? O que é abstinência? Como explicar?</p>
	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>Como abordar o tema "Identidade e la sexual" corretamente a fim de "direcionar" se o aluno está passando por isso?</p>
	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>como falar + pl a crianças dos conteúdos de mesmo sexo?</p>
	<p>Sugerir temas para o próximo encontro, dentro do contexto que está sendo abordado.</p> <p>Como identificar o uso de recursos sexual</p>

Fonte: Arquivo pessoal (2019).

APÊNDICE E – MIMO

Apêndice E.1 – Mimo de chocolate



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Apêndice E.2 – Detalhe: mimo de chocolate



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

APÊNDICE F – LOGOTIPO DO PROJETO

Apêndice F – Logotipo do projeto



Fonte: Arquivo pessoal (2018).